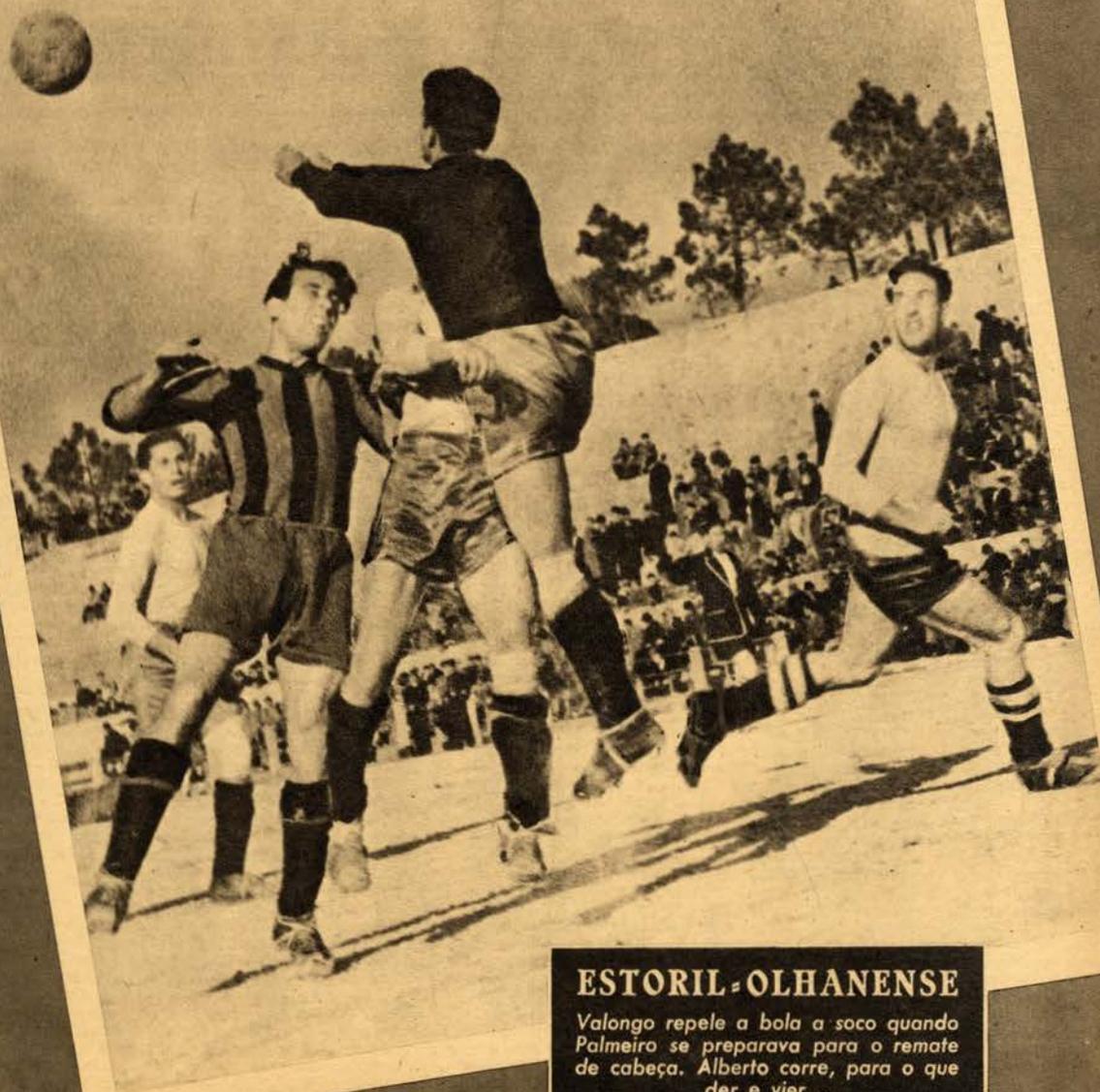


Stadium

N.º 112 ★ 24 DE JANEIRO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



ESTORIL - OLHANENSE

Valongo repele a bola a soco quando Palmeiro se preparava para o remate de cabeça. Alberto corre, para o que der e vier...

O GRANDE CAMPEONATO

Benfica segue dominando os obstáculos

ATAQUE AO "LEADER" A CARGO DO PÔRTO E DO SPORTING

Crónica de TAVARES DA SILVA

A O fim de nove encontros, cerca de dois meses de lutas e apreensões, acabou a 1.ª Volta do Campeonato de Portugal de futebol. Todos os clubes se empregaram a fundo. Uns viram o seu esforço recompensado. Outros, não. Porque a sorte tanto ajuda a subir como auxilia a descida. De modo geral, exceptuando aquele que se encontra na posição de n.º 1, os concorrentes julgaram-se lesados na classificação geral. Todos têm na sua bagagem um desafio mal perdido a recordar, uma bola indevidamente marcada, uma arbitragem infeliz no activo. É isto um campeonato. Um conjunto de resultados que permite todos os vicinícios, dando margem para toda a espécie de recordações nas mais diferentes tonalidades, desde o vermelho ao verde.

Os resultados apurados na nona jornada foram as seguintes:

Estoril	1	—	Olhanense	2
Vitória (Setúbal).....	1	—	Pôrto	2
Vitória (Guimarães) ..	1	—	Benfica	2
Sporting	5	—	Académica	5
Salgueiros	1	—	Belenenses.....	6

Pondo de lado a vitória do Belenenses, tal como nos aparece nos números, é evidente que os encontros não tiveram nada de treino ou de passatempo, provando-se novamente o conceito tantas vezes por nós anunciado de que, actualmente, todos os desafios são difíceis. Mais difíceis, no entanto, os que se disputam na casa do adversário. Eis uma característica — aquela — que só depõe a favor do grande campeonato.

Os desafios da nona jornada foram lutas em que há a apontar energia e velocidade. No aspecto de qualidade talvez não tenham fornecido a média de jogo que muitos desejaríamos, ou que todos desejaríamos. Deixaram-nos, porém, agradáveis recordações. Se cada assistente rebuscar na memória encontrará um momento de beleza. Será pouco. Já é alguma coisa.

E de frizar ainda, e esta citação impunha-se dada a agitação à volta do assunto, que todos os concorrentes, tanto os que dispõem de treinadores estrangeiros como portugueses, se agarram cada vez mais fortemente ao chamado moderno sistema de marcação. Não há hoje, pode dizer-se sem receio de desmentido, um grapo que não o pratique. O próprio Olhanense, tido por determinado sector da crítica como *team* que foge à regra, continua a mostrar-se adepto ferrenho do sistema. Assim vimos na Amoreira. Por outro lado, o Estoril, por exemplo, com o treinador do *team* nacional, é o clube que não perde um só momento a ideia da marcação. É evidente que o triunfo e a divulgação do sistema se deve à sua excelência na prática.

No fim da 1.ª volta, o Benfica ocupa o 1.º lugar, com 15 pontos — margem que representa uma indicação. Seguem-se o Pôrto e o Sporting, no 2.º posto, com 12. Belenenses, destacado, em 4.º, com 11. Olhanense, com 10, em 5.º. Vitória (Setúbal), com 9, em 6.º. Logo Estoril e Vitória (Guimarães) em 7.º, cada um deles com 7 pontos. Académica, com 5. Salgueiros, tristemente, fecha a cauda, com dois pontos.

Um desafio equilibrado, venceu o melhor ataque

O Olhanense venceu bem. A sua excepcional fibra de luta apareceu sempre ao de cima, em todo o encontro. Quando um grapo, com razoáveis conhecimentos técnicos, luta como o de Olhão, só há razões para elogios.

Porque há uma ideia em que nos parece que devemos insistir. O Olhanense já deixou há muito de ser um grapo somente com energia, vibração e velocidade. Trata-se de um *team* que também sabe jogar a bola. Como aqueles que o sabem. Dispondo as suas pedras no taboleiro como devem ser dispostas, e utilizando-as convenientemente. Cada jogador sabendo o que está a fazer. A tarefa que lhe compete. Nada de jogo ao acaso. De sorte que os resultados algarvios, como este na Amoreira, apareceu como resultante do seu saber de jogo, e não como um produto de acaso. Em toda a primeira parte, o Olhanense esteve vigilante — soberbo na marcação do adversário. Depois, quando o jogo lhes proporcionou a oportunidade do triunfo, os algarvios souberam dar-se ao jogo de desmarcação, construindo a vitória.

O Estoril foi o que pode dizer-se um bom vencido, deu sempre luta ao seu adversário, a dominar e dominado. Mesmo a sensação de que, a haver um vencedor, a vitória não lhe fugiria. Assim, realmente, teria acontecido se os seus avançados puzessem em campo mais ousadia e apego nos momentos decisivos. Mas a inferioridade do Estoril revelou-se no capítulo do remate, isto é, em frente das rédes. E na falta de um orientador no ataque. Em certa vez — lembra-nos — o avançado-centro, sosinho em frente das rédes, mesmo com um *keeper* a pedir um *goal*, atirou para fora. Quem sabe se essa bola não maldaria tudo? O certo é que, quando se poupa o inimigo, as mãos se lhe morre. E foi o que aconteceu. Falhou nervo na linha de ataque

do Estoril. Porque a defesa, mesmo com Eloi tocado, revelou-se segura e forte.

Uma coisa vivamente nos impressionou: sabido que o ambiente exerce grande influência no jogo, tivemos a sensação do Estoril ser o clube de fora, e do Olhanense ser o de casa. Talvez que tal prove ser o Estoril, por enquanto, um *team*. Não um clube. Ou outras coisas que escapam à nossa observação, assentando sobre factos concretos do jogo. Coisas que se sentem, parece.

O Benfica não se deixou bater, mas o Vitória deu luta de igual para igual

Há a pôr em evidência a boa forma em que se encontra o Vitória (Guimarães). O *team* começou o torneio como figura apagada. Aos poucos, porém, e no convívio com os grupos de categoria, tem-se aperfeiçoado, atingindo um nível digno da Primeira Divisão. Por isso mesmo, e dada a categoria do Benfica, um *leader* que segue dominando todos os obstáculos, temos a destacar um bom jogo em Benlhevai. Um desafio rijamente disputado, de fio a pavio, com fases da melhor técnica, não citando já essa característica do futebol português que se chama energia.

A primeira parte foi a mais bela. Com um *goal* a favor do Vitória, o Benfica viu-se obrigado a um trabalho cauteloso, aventurando-se por vezes na ofensiva, mas cobrindo todo o seu terreno. Nesta fase, como ao largo de toda a hora e meia, destacou-se uma grande figura de jogador, a de Francisco Ferreira.

Na segunda parte, o Vitória decaiu um pouco. O Benfica, sentindo a responsabilidade do encontro, cresceu, insistindo no ataque. E apesar do defesa de Guimarães se mostrar à altura do momento, o clube lisboeta conseguia o triunfo. Talvez com um pouco de *chance*. Não há dúvida, porém, que o Benfica soube criar situações de perigo.

A Académica lutou com brio. Sporting venceu merecidamente

Depois de um abaixamento de forma motivado por motivos de todos conhecidas, a Académica renasce, por assim dizer, pronta a desempenhar um papel de relêvo na Segunda Volta. Com um ataque constituído por jogadores habilidosos e inteligentes, que sabem bem o que é o jogo e o que vale o sistema de coordenação de esforços, e uma defesa que, de nível menos alto, se vai fortificando aos poucos com os próprios ensinamentos da experiência e actividade, o grapo retoma uma forma capaz de dar luta aos melhores.

De resto, vem de longe esta característica de brio do *team* de Coimbra. A Académica não se deixa bater com facilidade. Sobretudo dispozo como dispõe de uma linha avançada com capacidade de realização, que não hesita em marcar três *goals* a um guarda-redes como Azevedo. Certo, o grapo jogou melhor no segundo tempo que no primeiro, em virtude de, pela troca de lugares, passar a ter um orientador — imprescindível — na linha avançada: Lemos.

O Sporting jogou o suficiente para se afirmar que venceu com mérito. Na sua fórmula de conjunto, e jogo bem ensinado, o *team* actua bem unido, sem descobrir faltas. O ataque conseguiu movimentos de bom desenho. E veio ao de cima o magnífico trabalho de Jesus Correia, um elemento com esplendidas qualidades para o desempenho do lugar de ponta: veloz, energético e com um engódo pelas rédes que nem todos têm. Foram de sua iniciativa muitos ataques.

Já agora uma palavra para Peyroteo, a quem só o brio e o ponderoso fizeram alinhar. No passado domingo, maçoado em todo um ombro e peito, o conhecido avançado-centro, que dentro de dias fará a sua estreia como jornalista da especialidade, o que não deixa de ser curioso, actua sob o benefício de um remédio, e agora prontificou-se a alinhar em inferior condição física.

A sorte influi nos resultados: caso do Vitória (Setúbal) Fácil triunfo do Belenenses

A sorte influi singularmente no jogo. Umaz vezes auxilia um. Logo outro. É preciso que um *team*, embora superior no papel, nunca se poderá considerar vencedor antes do jogo disputado. Um pormenor muda, num repente, a fase de um desalio, obrigando este a dar a volta. O que sucedeu no campo dos Arcos mais uma vez vem demonstrar o caso. O Vitória, tudo o indicava, tinha o triunfo na mão. Afinal, a inutilização do seu guarda-redes trouxe-lhe, como consequência, a derrota. O adversário, vendo nas rédes um *keeper* de ocasião, não podia deixar de explorar a fundo semelhante benefício com que, de resto, não contava.

Os *teams* bateram-se com manifesto equilíbrio. O Vitória, com mais audácia. O Pôrto, um pouco mais retraído. Ambas as equipas, porém, em toada de conjunto, e em mecânica de jogo com razoável funcionamento. O ataque setubalense encontrou sempre na sua frente uma defesa sólida, salientando-se o belo trabalho de Gailhar.

O Belenenses realizou uma partida socegada no campo Augusto Leça. Com três bolas em onze minutos, os lisboetas não tiveram necessidade de se empregar a fundo, desenvolvendo os seus ataques na sua maneira artística, plena de domínio da bola. A defesa conservou-se, no entanto, devida atenção, já que os portuenses de quando em quando, tentaram ataques, um pouco confusamente. Todavia, o jogo viu-se com agrado, tendo fases de interesse, com vivacidade e alegria.

II DIVISÃO NACIONAL

ATLETISMO

Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física...

IV — ... para saltadores em comprimento

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

A sexta jornada do campeonato nacional da II Divisão, com os seus trinta e oito desafios e com a irregularidade de que algumas equipas têm dado mostras nas últimas saídas, não forneceu, a bem dizer, resultados surpreendentes.

Isto não evita que o torneio prossiga com interesse crescente de «rondas» para «rondas». Nesta altura da prova, se há agrupamentos (referimo-nos a séries) cujos vencedores facilmente se adivinham, outros existem onde o apuramento dos clubes que hão-de passar à fase mais importante do torneio continua a ser verdadeira incógnita. Vê-se, portanto, que o «nacional» da II Divisão continua a despertar interesse.

Um relance sobre os números da última jornada indica-nos que os resultados expressivos estão a rarear. Ressalta imediatamente o «score» alcançado pela C. U. F. de Lisboa, batendo o próprio «record» estabelecido oito dias antes. Depois anota-se o resultado obtido pelos famalicenses, para se verificar seguidamente que os outros resultados são já vulgares.

Tal como tem sucedido quasi sempre, a vantagem foi nitidamente favorável às equipas que jogaram em casa. Senão, vejamos: vitórias de grupos visitados, 20; de «teams» visitados, 13; empates, 4. Outro pormenor: somente treze guarda-redes puderam evitar que as suas rédes fossem tocadas.

O S. C. Vila Real vale, este ano, incontestavelmente menos do que no ano anterior. Os resultados feitos na prova de 1944-45 estão longe de corresponder às tradições da equipa. O de domingo, ainda que com a atenuante de ter jogado no terreno do adversário, é suficientemente claro para que se pense em regatear o mérito da exibição dos fadenses. O Gil Vicente, impondo um empate ao Boavista, e o Famalicão, batendo copiosamente o Vilanovense, colocaram mais uma vez em evidência o futebol minhoto.

O Académico e o Leixões não se deixaram surpreender, ainda que se possa pensar na boa réplica do União de Lamas e do F. C. Avintes. A vitória do Ramaldense tem de considerar-se normal, tal como o empate do Infesta.

E ainda dentro deste agrupamento que se verifica um resultado de surpresa: a derrota do União de Coimbra, em Oliveira de Azemeis. O Sporting de Espinho não cometeu proeza alguma derrotando o Ovarense e os Bodiosenses mostraram-se, mais uma vez, o melhor representante da A. F. de Vizeu.

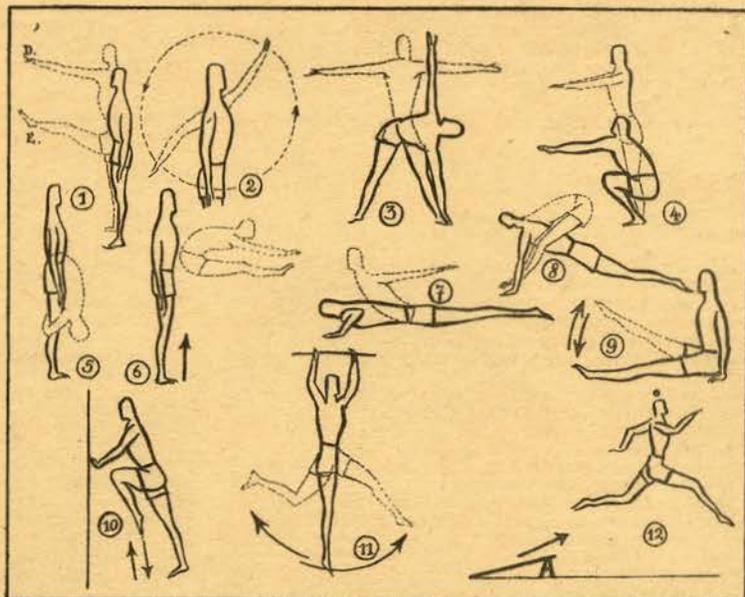
Para a Sanjoanense a deslocação a Tondela não ofereceu dificuldades; três «goals» de vantagem não deixam dúvidas. Os encarnados da Marinha Grande foram animosos contra o Comibricense. Os sportingistas de Tomar não foram adversários à altura da C. U. F. Lisboa. Que ha-de dizer-se de um encontro em que o vencedor marca dezoito tentos e o vencido nem um? Os dois clubes do Ribatejo — Águia Vilafranquense e Alhandra S. C. — saíram vencidos das suas lutas, mas não diminuídos.

A vitória do Alcabça sobre o Marvilense, porque o jôgo era feito em Marvila, não se esperava. Mas é grata de assinalar pelo esforço e desportivismo dos alcobacenses. O Atlético firmou a sua superioridade claramente, ao passo que, acerca da luta entre o Futebol Benfica e o Operário Vilafranquense, se pode pensar que ela foi de igual para igual. Os Leões de Santarém, este ano a darem melhor conta de si, venceram justamente o Ferroviários do Entroncamento.

O Chelas e o Olivais foram fracos representantes do futebol lisboeta, sobretudo o campeão da II Divisão da A. F. L. Um e outro saíram vencidos por clubes que no campeonato de Setúbal não lograram posição de relêvo.

A vitória do Gimnásio Clube do Sul sobre o Onze Unidos do Montijo, na terra do adversário, constituiu cometoimento de vulto, atentas as possibilidades de cada um.

O Fosforos, sem ter ganho, obteve resul-



- 1.º — Saltar no mesmo lugar, alternadamente a pés juntos e com projecção anterior de uma perna e do b'ço oposto (4 tempos).
- 2.º — Em sentido: oscilações antero-posteriores simultâneas dos braços, com circundação de baixo para cima e para trás, também simultânea e repetida a cada três oscilações.
- 3.º — Pernas afastadas, braços em afastamento lateral: flexão e torsão do tronco à frente, tocando com a mão esquerda no pé direito e vice-versa, mantendo sempre o prolongamento da linha dos braços.
- 4.º — Em sentido: grande flexão dos joelhos e extensão imediata das pernas, sem levantar os calcanhares do solo.
- 5.º — De pé: grande flexão do tronco à frente, abraçando as pernas e forçando por tocar com a testa nos joelhos.
- 6.º — Em sentido: saltar, elevando à frente as duas pernas estendidas e flectindo o tronco adiante para tocar com as mãos nos pés. Cair em posição apumada.
- 7.º — Deitado facial, mãos debaixo do queixo: extensão dorsal, levantando o tronco à retaguarda o máximo possível e afastando lateralmente os braços estendidos. Não descolar as pernas do solo.

Progressão: insistências.

8.º — Em queda facial, apoio sobre as pontas dos dedos: passar à posição de deitado dorsal, passando ambas as pernas flectidas por entre os braços; rodar de meia volta (de novo em queda facial) e recommear.

Progressão: o mesmo exercício em apoio sobre as palmas das mãos.

9.º — Sentado no solo, pernas estendidas e unidas: levantar alternadamente as pernas extensão (15 a 20 vezes).

Progressão: cruzamentos; levantar flectindo o joelho e estendendo o mais próximo possível da vertical; lançamentos cruzados laterais.

10.º — Sentido. mãos em apoio na parede, corpo um pouco inclinado adiante: elevação alternada e acelerada dos joelhos.

11.º — Em suspensão: golpes de tesoura; engupar e desengupar por extensão anterior das pernas; golpes de rins.

12.º — Com trampolim baixo, uma corda atravessada entre dois postes, a 2 metros de altura e afastada outros 2 metros do plano de chamada: com meia dúzia de passos de corrida, saltar em extensão procurando tocar com a cabeça na corda e caindo sobre um colchão.

Progressão: subir e afastar a corda.

tado mais airoso do que os das últimas saídas, defrontando o Barreirense. O Almada correspondeu ao que dele se esperava, tal como a C. U. F. do Barreiro e o Operário F. C.

O Sporting da Covilhã, mesmo visitante, obteve margem confortável sobre o C. F. Albiacastrense. As duas outras equipas da Covilhã travaram luta rija. O Indústria Cebolense, estreado na prova, não se inferiorizou demasiadamente perante os «encarnados» de Castelo Branco.

Os campeões da A. F. de Portalegre e de Évora estão a suportar rude ataque dos restantes clubes da região. Os elvenses, no seu campo, encontraram da parte do Lusitano de Évora uma resistência com que não contavam de certo e que a vitória pela tangente deixa transparecer. Os montemorenses, esses foram vencidos.

No Algarve, nada de anormal. Farense e Lusitano, com melhor cartel que o Portimonense e Louletano, ganharam naturalmente.



José Carvalho com a «Taça de Honra» de 1944

A tarde estava agreste. A neve caía de novo em flocos e dava à cidade aspecto invulgar e curioso. Os cafés regorgitavam de gente que procurava fugir ao rigor do frio cortante.

Num dêles — no Martinho — encontrou o jornalista o capitão José Carvalhosa, que interrompe temporariamente a sua carreira brilhante de desportista, carreira iniciada há pouco mais de dez anos quando, envergando a equipa do Sporting, praticara os desportos atléticos. Obtivera nessa época os «records» de Portugal, nos 100 metros, nas 100 jardas, nas estafetas 3 x 100, 4 x 100, 4 x 200 e no salto em comprimento, em competição com os melhores atletas do seu tempo.

José Carvalhosa, que depois se lançara na prática do hipismo e que em 1922, ainda no colégio Vasco da Gama e aluno do professor Ricardo, ganhou a sua primeira taça, alcançava mais tarde, já oficial, a honrosa distinção de representar a cavalaria portuguesa nos Concursos Hípicos realizados no estrangeiro.

O magnífico desportista estava de partida. Era curioso ouvi-lo, conhecer as suas intenções, saber se o afastamento da Metrópole nos privaria da sua participação futura nas provas equestres, onde brilhava a grande altura.

Não era uma entrevista. Apenas uma conversa amena naquele recanto menos frio de Lisboa, onde a neve não entrava... A nossa curiosidade foi ao encontro da amabilidade e do nosso interlocutor e as primeiras palavras que lhe ouvimos, e que nos desvaneceram, foram de apreço e de simpatia para «Stadium».

Depois, o capitão Carvalhosa diz-nos:

— Estou de facto de partida. O cumprimento do dever afasta-me do desporto por algum tempo, ou melhor, das competições desportivas — porque tenciono não ficar inactivo...

E com um sorriso informa-nos:

— Já meti na mala um «maillots», uma «raquette» e até os meus velhos sapatos de pregos... De resto, levo um cavalo para não perder o treino — o «Napier», com o qual concorri dois anos ao Campeonato do Cavalo de Guerra.

Uma pequena pausa serviu para recordarmos a sua carreira de concursista e a sua montada de maior categoria — a «Fossette».

Com ela ganhou o capitão José Carvalhosa, em cinco anos, nada menos de 77 prémios, entre os quais 49 taças e 38 primeiras classificações. Falámos dela e não nos escondeu a sua emoção. Era um animal de temperamento nervoso mas de extraordinária categoria. Para a «Fossette» não havia que escolher percursos: saltava tudo!

E a vencer bem o valor do animal, acrescenta:

— A «Taça de Honra» era, no entanto, a sua grande prova. De cinco que disputou em Lisboa ganhou quatro e ficou em 2.º na outra. Suponho que nenhum outro cavalo saltou em Portugal 1,95 m., como ela, em 1943.

O nosso interlocutor tem pena de deixar as competições — e pena, sobretudo, de não poder apresentar na próxima época a «Gaza», que na Taça «Farinha Belrao» provou extraordinária classe e que ele trabalhou afincadamente. Uma coisa lhe agrada e não esconde: a égua tem, pela sua forma actual, lugar assegurado na equipa portuguesa de 1945.

— E' justo que... — tentámos a medo...

O capitão Carvalhosa percebeu a reticência e arrisca:

— Quem sabe se quando voltar ela me será de novo distribuída. Mostrámos-lhe a nossa satisfação por não tencionar abandonar o desporto e recolhemos com prazer a sua última frase:

— Diga na «Stadium» que continuarão a interessar-me as competições desportivas e que o meu afastamento será apenas um intervalo na minha carreira.

Estava terminada a conversa. Desejámos-lhe um regresso rápido, para que a equipa nacional não fique, por muito tempo, desfalcada de dois seus melhores elementos.

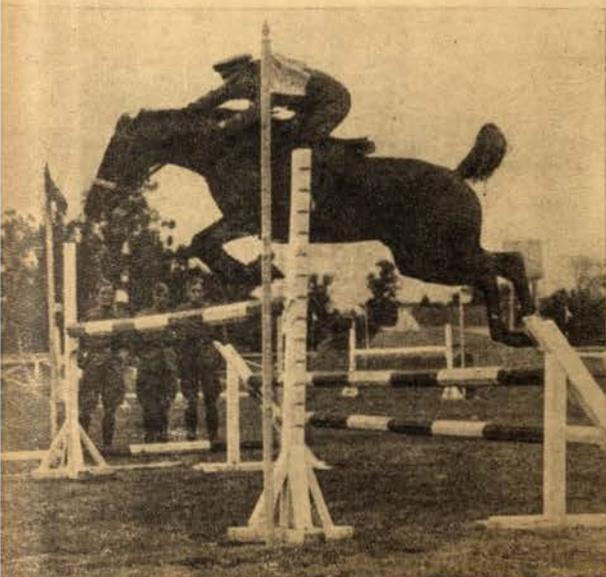
Entretanto o capitão José Carvalhosa, lá longe, não deixará de pensar no hipismo — e na «Gaza», que cá o espera...

ANTAS TEIXEIRA

*Pelo hipismo
José
CARVALHOSA
vai
interromper
a sua carreira
de
Concursista*



Em cima: Saltando 1,95m. com a «Fossette». Em baixo, à esquerda: Conduzindo a «Gaza» na última prova desta temporada



A MARCA
QUE
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS



Comemorando os aniversários de Mário de Noronha e do dr. Luis Figueira, alguns dos amigos destes antigos desportistas, seus companheiros no Comité Olímpico, ofereceram-lhe um almoço. A gravata foca o acontecimento.



RUGBY: 1—O «quintze» do S. L. Benfica, que conquistou a taça «Eduardo Serra». **FUTEBOL:** Os novos dão muitas vezes verdadeiras lições de energia, dinamismo e beleza atlética aos velhos... Veja-se esta fase captada no jogo de domingo entre o Benfica e o Cascalheira (2). **HANDBALL:** 3—Instantâneo colhido no encontro Benfica-«Os Treze», num momento de flagrante oportunidade. **TENNIS NO SPORTING:** Os «tenistas» do Sporting reuniram-se no domingo num almoço que teve cunho verdadeiramente elegante. Presidiu o sr. tenente coronel Sacramento Monteiro, Ilustre director geral de Desportos, que se fazia acompanhar do inspector sr. José de Ayala Botto, assistindo a sr.^a D. Angélica Plantier e gentis desportistas desta secção dos «leões». Após a distribuição dos prémios das taças «Alves Costa», «Sporting», «D. Angélica Plantier» e «Consolação», que couberam a A. Abreu, J. N. Santos, S. Pinto, M. De Bouton, dr. G. Mala, dr. M. Carmo, C. Q. Tavares, M. Saturnino e F. Cabral e às senhoras D. Maria J. Silva e D. Nita Silva Araujo, foi oferecida uma artistica placa de prata ao sr. director geral de Desportos como recordação da festa. *Stadium*, amavelmente convidada, esteve representada pelo nosso camarada Antas Teixeira.

Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de

Amadeu Gomes da Fonseca
R. da Mouraria, 3 (Pranto ao Cinema) • Tel. 29050

O PUGILISMO E A PREPARAÇÃO DO SOLDADO AMERICANO

CRÓNICA DE RAFAEL BARRADAS

O jogo do boxe tem sido apreciado sob múltiplos aspectos, todos relacionados mais ou menos com as virtudes e os defeitos peculiares a este desporto. Mas, até há pouco, apenas se considerava propício ao desenvolvimento atlético do indivíduo—ressalvadas certas restrições quanto à sua prática por pessoas doentes, ou em casos que possam dar origem a conflitos raciais. Agora descobriu-se-lhe outro mérito: o de servir admiravelmente como factor da preparação moral e militar do soldado.

A descoberta ou a iniciativa deste acontecimento cabe a dois oficiais do exército americano, o major-general Edwin Parker Jor. e o tenente-coronel James L. Grier, ambos instructores de tática no Campo de Butner (Durham, Carolina do Norte), um dos muitos acampamentos especiais onde se treinam as forças militares dos Estados Unidos.

A influência que o jogo do boxe possa exercer no carácter dos seus praticantes tem-se discutido muitas vezes. Alguns negam que produza efeitos benéficos sobre a coragem e a visibilidade, enquanto outros insistem no aspecto positivo do problema. Sem tomar partido na controvérsia, não deixaremos de registar, no entanto, a conhecida frase «a vitória forjou-se nos campos desportivos de Eton» que o Duque de Wellington proferiu referindo-se à batalha de Waterloo, ganha, principalmente, pela coragem e tenacidade dos britânicos.

Os panegiristas do jogo do sóco querem ver nela uma referência especial aos homens do «ring» que tinham por hábito lutar naquela planície.

É desnecessário buscar na poeira dos séculos outras referências similares, coisas da Grécia e Roma Antigas, para mostrar que muita gente tem acreditado e feito fé na influência salutar do pugilismo sobre algumas virtudes masculinas—e os dois oficiais americanos supra-citados figuram nesse número dos fiéis prosélitos.

Pertence-lhes o invento de um campo de treino especial, misto de ginásio e de pista de obstáculos, que denominaram *trainasium* e cujos resultados têm sido surpreendentes, tanto pelo entusiasmo que envolve no espírito dos soldados como pela simplicidade da sua concepção.

O boxe ocupa nos exercícios lugar proeminente. Todas as noites, excepto domingos, realiza-se um sarau de pugilismo, cujo programa é preenchido pelos recrutas. A noite de sexta-feira é de gala e a banda de música toca, durante os intervalos, marchas guerreiras patrióticas. O cartaz, nesse dia, compreende onze combates, com três assaltos de duração, ou quatro, se houver empate.

As regras do jogo são as universais, com certas modificações introduzidas pelos instructores. Por exemplo, a contagem dos pontos baseia-se nas seguintes percentagens: 50% para o melhor atacante, 25% para o que mais socos aplicar e outros 25% para a defensiva, tática e melhor condição física final. Também é curioso registar que não há concorrentes nas categorias de peso levíssimo e mínimo, porque os indivíduos com menos de 60 quilos são raríssimos no exército americano.

Além dos combates nocturnos effectuam-se também duas espécies de exercícios denominados *batalha real* e *combate de reconhecimento*. São tipicamente destinados ao desenvolvimento de qualidades guerreiras, o primeiro na acção individual e o segundo na colectiva.

A *batalha real* é dirigida por vários monitores, cuja missão é vigiar que nenhum homem deixe de tomar parte activa no exercício. Compreende os efectivos de dois pelotões (30 homens cada um) que formam em linha, numa fileira, frente a frente, com luvas de boxe, de 10 ou 12 onças, calçadas. A um sinal

de apito cada pelotão procura dominar o contrário a sóco e levá-lo deante de si até à linha base. Há, por este processo, combates parciais, em que dois homens ou três atacam um só adversário—que tem de defender-se com todo o vigor.

Após 3 ou 4 minutos o árbitro suspende a luta e faz os seus comentários. Como é de presumir, qualquer golpe desleal ou perigoso é formalmente interdito.

O *combate de reconhecimento* compreende o efectivo de duas secções (15 homens cada uma), a primeira das quais se abriga no terreno como na guerra, aproveitando-lhe os acidentes e os obstáculos e preparando-se para surpreender qualquer patrulha inimiga. A segunda parte em exploração ou reconhecimento na direcção da outra (ignorando-lhe a localização, já se vê...), até que se estabeleça por surpresa uma vigorosa luta a sóco.

Segundo parece, e a dar fé na informação donde respigamos, estes interessantes pormenores, os resultados ultrapassam em muito o que era de prever. O tenente-coronel Grier, principal creador deste género de treinos, declarou o seguinte: «A missão final do combate é a luta corpo-a-corpo com o inimigo. Mas todos os homens temem o que desconhecem e, por conseguinte, se o soldado não tiver experimentado com frequência os choques físicos, embora sem o carácter sangrento da verdadeira guerra, irá para a batalha receoso e sem confiança em si. O boxe em massa reduz de modo notável essa instintiva relutância.»

A pessoa que proferiu estas palavras é um técnico de reconhecida competência e não seria curial da nossa parte discutir as suas afirmações, tanto mais que devem basear-se em dados práticos, colhidos no campo de batalha. Por esse motivo achámos oportuno fazer referência ao assunto e chamar a atenção dos nossos possíveis leitores que desempenham funções nas escolas militares e práticas para o eventual emprego do método na preparação do soldado português.

SÓBRE O TAPETE

LUTEMOS PELA LUTA

O belo e viril desporto da luta greco-romana já gozou entre nós de aura apreciável. Disputavam-se campeonatos com regularidade, havia animação, interesse e ambiente propício ao desenvolvimento da excelsa modalidade. Numa palavra: trabalhava-se.

Determinado número de colectividades—das chamadas especializadas—possuía bom núcleo de praticantes, de boa craveira sob o ponto de vista técnico. E, embora há bom par de anos, vimos até um compatriota nosso—o dedicado António Pereira—defender as cores lusas num torneio olímpico.

Depois, tal como aconteceu com outros desportos, o interesse pela luta foi arrefecendo lentamente. Registavam-se de quando em vez algumas reacções, boa parte delas saindo exactamente destas colunas, não só com a propaganda doutrinária, mas também com a propaganda pelo exemplo, organizando torneios estituindo trofeus.

Nada, porém, conseguiu tirar a greco-romana do marasmo confrangedor em que se encontrava. Nada conseguiu restituir à bela modalidade o prestígio e a aura de outras eras...

A indiferença de uns, o alheamento de outros, a falta de orientação e critério dos dirigentes, com o consequente desinteresse por parte dos praticantes, deu em resultado que a luta deixasse de ter cotação na bolsa desportiva portuguesa.

É natural que para isso tenha contribuído também o facto de ultimamente não terem

A PRÓXIMA ÉPOCA DE ESGRIMA

SEGUNDO comunicação recebida da secretaria da Federação Portuguesa de Esgrima, encontra-se estabelecido o seguinte calendário de provas:

Florete—Janeiro, 28, torneio de segundas categorias; Fevereiro, 5, taça «Ginásio Clube Português» (por equipas); e 18, campeonato nacional.

O torneio de 3.^{as} categorias começou ontem e oportunamente lhe faremos referência. **Sabre**—Março, 5, torneio de terceiras categorias; 9, torneio de segundas categorias; 12, taça «Mestre Campos de Andradas»; 17, campeonato nacional.

Espada—Abril, 16, torneio de terceiras categorias; 23, torneio de segundas categorias; Maio, 1, taça «Sport Clube do Porto»; 13, taça «Jorge de Paiva»; 21, taça «Lima Junior»; Junho, 10, taça «Câmara Municipal de Lisboa»; Julho, 2, campeonato nacional.

Segundo uma nota apenas ao calendário da E. P. E., no programa que publicamos estão somente incluídas as provas que o velho Ginásio Clube pretende organizar durante a próxima época, não se concedendo tratamento idêntico às outras salas de armas por não terem enviado os seus delegados à reunião que foi expressamente convocada para o efeito.

Passagens de categoria

A direcção da Federação de Esgrima resolveu effectuar as seguintes passagens de categoria em relação aos torneios de 1944, produzindo portanto efeitos já nos próximos torneios:

Florete—Para segundas categorias: Raul Worm. Para primeiras categorias: Henrique Santos, Carlos Gouveia Franco e Edmundo Franco.

Sabre—Para segundas categorias: Jorge Matias, Pinto Ferreira, Costa Freitas, Duarte Silva, Evangelista Marecos, Robin de Andrade e Pinhão Borges.

Espada—Para segundas categorias: Pinheiro Chagas, Mário P. da Silva, Sepulveda de Figueiredo, Raul Worm, Luís Retumba, Carlos Correia, Eduardo Neto, Luís Beltrão e Carlos de Amaral Neto.

exibido entre nós elencos de lutadores estrangeiros, que a despeito de serem profissionais declarados—e de só determinadas classes menos fadadas pela natureza acreditarem na veracidade dos seus «combates»... —proporcionavam boas exhibições de greco-romana. Assistia-se a séries de golpes bem executados e bem contra-atacados e, independentemente do que fazia de fera e do que representava de vítima, falava-se de luta. Reflexamente, o desporto amador—aquele que, claro está, nos interessa e pelo qual nos batemos—lucrava com isso.

Stadium vem, pois, ocupar de novo o seu lugar sobre o tapetes, disposta para o combate. Temos estado em permanente contacto com os últimos abencerragens, com aqueles que acreditam ainda no renascimento da luta. Esabemos de fonte segura que, embora sem alardes, algo se tem trabalhado ultimamente sob o ponto de vista de organização.

Todos os de boa vontade sabem que contam incondicionalmente com o nosso apoio, a nossa propaganda desinteressada, o nosso desejo firme de acertar. Por hoje—por aqui nos quedamos. Em breve um dirigente prestigioso, a quem a causa muito deve, dirá nestas colunas de sua justiça. E do que ele disser, da forma como apresentar o problema, do fruto dos seus esforços—por ora ignorados—algo de decisivo, por certo, resultará para a luta, modalidade viril por excelência, que vive neste momento horas de incerteza...

A temporada velocipédica de 1944

COMENTÁRIOS E APONTAMENTOS

por GIL MOREIRA

PRINCIPIAMOS hoje o nosso costumeado balanço a mais uma temporada velocipédica, trabalho a que há alguns anos nos dedicamos e que constitui, por assim dizer, o repositório anual do movimento velocipédico no País.

Foi a actividade, na época de provas que terminou em 15 de Novembro, após os clássicos oito meses de competição e relativamente às épocas que a antecederem, mais ou menos valorosa? E sob os pontos de vista desportivo e de propaganda, analisada também como período de provas de acentuado valor atlético, o ano de 1944 foi ou não superior ao de 1943? Ainda pelo que diz respeito ao trabalho produzido com o fim de dar à modalidade o desenvolvimento e expansão que ela já teve e que nós, os interessados por tão belo desporto, ansiámos volte a ter—sob esta faceta pode considerar-se obra meritória tudo quanto se fez?

Ideia geral

A este conjunto de perguntas podemos, desde já, responder que a temporada de 1944 foi igual a muitas outras—nem pior nem melhor... Se o ano de corridas fechado há pouco não atingiu o nível que seria lícito ou podia esperar-se, houve, mesmo assim, que assinalar boas vontades, que tentaram dar à modalidade certo impulso; registaram-se algumas iniciativas de valor e os atletas, na maioria dos casos, corresponderam com disciplina e espírito de cooperação ao entusiasmo dos dirigentes.

O público, elemento imprescindível, sempre que se cuidou de lhe proporcionar provas de interesse e do seu agrado também contribuiu com a sua presença para o êxito de algumas organizações.

Por isto tudo—que já é bastante num país onde o ciclismo não pode contar ainda com todo o apoio oficial ou oficioso a que tem jus—podemos dizer que 1944 foi para o ciclismo um ano «suficiente». E se não houvesse a registar ainda certa falta de interesse da parte de sectores que tem a obrigação moral de amparar a velocipédia—referimo-nos às casas que vivem da modalidade—ou se não tivéssemos de assinalar também desta vez, como em

tantas outras, apreciável dose de negligência e até nítidos sintomas destrutivos, a tornarem improffico o trabalho dos bem intencionados, sem isso a época de 1944 poderia ter sido mais que mediocre.

É de facto para lastimar que se insista, num meio como o nosso, onde o ciclismo tanto necessita de ser ajudado, em complicar o que é simples, em dificultar o que se apresenta fácil e em destruir o que se pretende construir.

Mas deixemos este assunto para depois e vamos por agora ao movimento da temporada.

Pormenorizando

Como é do domínio público, o nosso ciclismo teve, desta feita, orgânica diferente da habitual. As associações regionais—sul e norte—coube promover as competições oficiais das respectivas regiões e a fiscalização das provas particulares, ficando apenas a cargo da Federação pôr de pé os campeonatos nacionais—estrada e pista. Assim, as entidades a organizar e fiscalizar foram três—Associação do Sul e do Norte e Federação.

Quanto ao ciclismo nortenho só houve, porém, necessidade de mudar o rotulo à entidade orientadora. De delegação da U. V. P. passou a chamar-se associação, mantendo-se a «mecânica» do seu trabalho.

Houve na época passada, promovidas pela Associação do Pôrto, as seguintes provas destinadas a sesses:

Corridas clássicas dos 50 e 100 quilómetros; 100 quilómetros contra-relógio; 180 quilómetros em linha; e Pôrto-Vila Real-Pôrto, esta como inovação.

DA VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

EM questão de proezas desportivas é muito arriscado formular previsões de limite às capacidades humanas; sucessivos exemplos nos vão mostrando como se atingem tempos e marcas que alguns anos atrás se supunham utopia.

Quando, há vinte anos, Paavo Nurmi, no apogeu da sua glória de fenómeno do atletismo, correu os dez quilómetros em 30 m. 6,2 s., a humanidade pasmou—e entrou em discussão a possibilidade de fechar as duas léguas na meia hora.

Os anos foram passando e a proeza de Nurmi permanecia inviolada, como se de facto constituísse padrão além das fronteiras traçadas ao esforço humano; mas, em 1937, o esquilão Salminen igualava-lhe o tempo, em ariso profético do que havia de acontecer dois anos mais tarde: outro finlandês, Maki, conseguiu o impossível e percorria os dez mil metros em menos de meia hora: 29 m. 52,6 s.!

Seria esta a meta? Cinco anos bastaram para indicar a resposta, pois em Outubro passado correu mundo a notícia de que outro homem das mesmas terras geladas, correndo na pista do estádio onde deviam celebrar-se os Jogos Olímpicos de 1940, baixara o tempo «record» de dezasseis segundos: 29 m. 35,4 s. Fantástico? Inerível? Um passo apenas em frente, na senda sem horizonte do progresso que a técnica e o aperfeiçoamento físico vão abrindo na frente dos campeões do atletismo.

O extraordinário de hoje—é amanhã feio banal; vinte anos bastaram para atrazar Nurmi de meio minuto na escala dos primeiros do mundo...

EM PORTUGAL

NA imprensa desportiva da capital travou-se nos últimos tempos acesa controvérsia sobre as vantagens e desvantagens dos métodos láticos aplicados no nosso futebol. A polémica, que poderia ser muito interessante e vantajosa se não saísse dos limites do confronto de doutrinas, argumentadas e deserials por forma a esclarecer a opinião pública, descaiu para o campo pessoal e perdeu na pena de alguns dos interferentes a desejável elevação.

O assunto morreu, assim, por si próprio, sem nenhum benefício, envenenado pelo azedume de parte dos contradiutores, quando afinal, com um pouco mais de calma, nos parece que algo se poderia lucrar, porque ambos os critérios apresentados tinham elementos de razão. Mais uma vez se poderia dizer que a verdade coincidia com o meio termo.

Exigir dos jogadores um procedimento de marcação absoluta, exclusiva, «palavra de ordem» única, será forte exagero; mas a indicação prévia, a cada jogador, do adversário que lhe compete guardar em condições de defesa, é preceito indispensável para a boa disciplina e melhor distribuição de esforços de qualquer equipa em campo.

Pugnamos uns pela marcação, mas não esquecem com certeza que em ocasiões de ataque o marcador muda de missão e pensa apenas em escapar-se à vigilância contrária; aquêles que preconizam a desmarcação «à portuguesa» devem ter presente no espírito que até «gramaticalmente» não pode haver desmarcação... sem prévia marcação...

Assim diria o velho amigo Banana...

De iniciativa particular, disputaram-se os Circuitos de Espinho, das Aves, da Bairrada e da Curia, isto pelo que diz respeito a provas de estrada, pois em pista também foram organizadas algumas interessantes competições.

Conjunto meritório de provas, a testemunhar que na região nortenha continua a manter-se, apesar das circunstâncias que tornam actualmente difícil a vida do ciclismo, um sentido de iniciativa para louvar. Mas esse conjunto teria sido ainda mais valioso se a já citada acção demolidora não houvesse prejudicado, durante toda a temporada, o notável espírito de colaboração que alguns dos dirigentes e interessados pela velocipédia manifestaram no princípio da época.

Obstáculos a eliminar

Só à intransigência exagerada—iamos a dizer maldosa—de algumas pessoas ligadas ao ciclismo se pode atribuir a irregularidade verificada, sob os pontos de vista técnico e atlético, na maioria das provas do Norte. A tais obstáculos se deve o não ter ficado apurado o campeão distrital de fundo; a ter sido irregular, como foi, a prova contra-relógio de 100 quilómetros; a não estarem ainda distribuídos na totalidade os prémios do Pôrto-Vila Real-Pôrto; a terem surgido sérios atritos, que iam prejudicando a efetivação do Circuito da Bairrada; e ainda a ter vivido em situação deficiente, com directores demissionários, a orgânica do ciclismo portuense.

Causa-nos profunda pena que o ciclismo nortenho, como tantas ou mais possibilidades de progredir que o lisboeta, sofra tão amíde as consequências de atitudes indesejáveis.

Apontando aqui, longe do período apaixonado das provas, o que houve de censurável no meio velocipédico nortenho, em conjunto com o que de louvável se fez, talvez se consiga proveitoso exame de consciência...

Vontade de acertar

Em Lisboa, a época decorreu com normalidade. A assinalar até a disciplina verificada em todas as provas—não houve um único protesto em independentes; a regularidade com que se disputaram quasi tôdas as corridas; e o bom entendimento mantido entre dirigentes.

É certo que a rápida seqüência das corridas oficiais, tôdas disputadas no curto espaço de pouco mais de dois meses, tornou o final da época falho de competições.

Também a dependência em que viveu a Associação da Federação, com sédes no mesmo edifício, roubou por vezes a qualquer das entidades a necessária faceta de singularidade nas suas ideias e resoluções. Mas isto, como até a disparidade verificada na quilometragem das provas do campeonato de amadores em relação ao dos independentes, que tornou ardua demais a tarefa dos novos, foram factos motivados pela força das circunstâncias e não por desacertos directivos.

Assim, o ciclismo teve no Sul, à parte algumas iniciativas de relêvo, que merecem ser postas em evidência mais pormenorizadamente, as seguintes competições para independentes:

Corridas clássicas de 50 e 100 quilómetros; 100 quilómetros contra-relógio; 176 quilómetros em linha; Circuito de Lisboa; e Campeonato de Fundo. Isto de iniciativa oficial, porque de organização particular promoveram-se o Circuito de Torres Vedras e da Malveira e o Lisboa-Santarem-Lisboa.

Veremos em próxima cronica o que valeram as competições disputadas, sob os aspectos atlético e de propaganda.



NO ESTORIL: Valonso defende enquanto Ferreira o protege de Palmeiro



NO ESTORIL: Raul Silva remata — para fora, mas sobressalta os algarvios!



EM SETUBAL: Derrigano, a 800 metros arrebatou a Bola e C. Derrigano enquanto Derrigano estava...



EM SETUBAL: Derrigano, a 800 metros arrebatou a Bola e C. Derrigano enquanto Derrigano estava...

Conduida a 1.^a volta do "NACIONAL", o BENFICA mantém-se à cabeça seguido do F.C. PORTO e do SPORTING



NO ESTORIL: Costa anticipa-se a Palmeiro e evita um remate perigoso



EM GUIMARÃES: Uma defesa de Martins (à esquerda) e o 2.^o «goal» do Benfica feito por Espírito Santo.



NO LUMIAR: António Maria procura bater Cardoso e Barrosa (em cima). Deyroteo sorridente, foge para fazer um dos seus «goals»



EM SETUBAL: O esforço de Barçifana numa defesa aprazada.



NO ESTORIL: A defesa algarvia em acção



NO PORTO: Deissaco cria que Armando se apodera da bola (à esquerda) e o mesmo Armando remata forte — para fora...



UM RECORDE BATIDO!..
Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compramos hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transações sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é precis fiador para adquirir um bom fato, sobretudo o gabardine, assim como confecções de senhor em género «tailleur»! Note bem, nesta casa e...

Desportos de bola

DESPORTO CORPORATIVO

HANDBALL — Jornadas perdidas

ESTA interminável e aborrecida fase de apuramento do campeonato de Lisboa, contra a qual nunca nos cansaremos de manifestar discordância, vai obrigando a consecutivas jornadas, nas quais um ou outro jogo mais nivelado se perde por falta de equilíbrio.

Infelizmente vamos também verificando, com o andamento da prova, que a influência nociva do seu péssimo sistema de organização se prolongará, para algumas equipas, ainda durante a segunda fase decisiva; isto virá a suceder aos grupos mais experientes e adestrados, como o Benfica e «Os Treze», que neste momento parecem ser os que menos probabilidades reúnem de ingressar na série dos quatro melhores.

Por outro lado, as equipas novatas, que se pretendeu favorecer com o sistema adoptado, sofrem pesados «desaires», com os quais nada aprendem e só podem contribuir para as lançar no desânimo.

A lição deve aproveitar para o ano próximo e levar os dirigentes a cumprir os preceitos regulamentares, constituindo uma Primeira Divisão com seis ou oito clubes, formando com os restantes a Segunda Divisão e estabelecendo o regime obrigatório de permuta entre o vencedor desta e o último da superior, que é, sob o ponto de vista desportivo, o mais aconselhável.

No domingo passado era o encontro entre o Benfica e «Os Treze» o mais convidativo; a realidade, porém, não correspondeu à expectativa, jogando mal e duro ambas as equipas, agravada a situação pela complacência censurável e infeliz duplicidade de critério do director da partida. Casos graves de indisciplina verificados dentro e fora do campo, mas no âmbito da partida, pertencem ao rigor punitivo exemplar da Associação. Fazer-lhes mais pormenorizada referência seria um reclamo ilógico e contraproducente.

RUGBY — O Benfica fica detentor da taça «Eduardo Serra»

Benfica e Atlético defrontaram-se no domingo para decidir a vantagem na cabeça da classificação da taça «Eduardo Serra».

O encontro era esperado com interesse, mas desiludiu, porque as linhas avançadas de ambos os grupos de contendores jogaram em toada de constante confusão, procedendo sobretudo para admirar na equipa do Benfica, que dispõe de excelente linha de três-quartos, factor decisivo na merecida vitória que alcançaram.

Os atacantes «encatados», sobre todos Martins Vieira, depois Bastos e a asa direita (Patrício é muito inferior aos companheiros), mostraram bom sentido na condução dos movimentos e construíram excelentes fases de passes de mão a mão, os únicos momentos de verdadeiro «rugby» que nos foi dado apreciar.

Mas os avançados prenderam demasiado a bola, não sabem equilibrar a formação porque não se baixam o suficiente e comprometem constantemente a equipa com as suas deslocações e intervenções irregulares. Muitos pontapés ao acaso, pontapés de futebol, dados para diante sem a mínima finalidade, de encontro às pernas dos adversários nas formações abertas — onde a regra é talonar — ou para as mãos dos contrários quando os aplicam em circunstâncias de campo aberto.

Todos estes senões se apontam agravados no grupo do Atlético, cujos jogadores acusam deficiência de preparação física (dificuldade em apanhar bola do solo, imperícia na sua recepção) e falta de sentido no ataque, em que é regra o portador da bola perder-se em fintas para o pior lado, acabando, sem proveito, num bêco sem saída... Rapidez geral muito inferior à dos benfiquistas; o grupo campeão de Lisboa está por enquanto em forma muito inferior à do ano passado.

Uma referência de louvor para a arbitra-

gem de Pinto Magalhães, a quem vimos pela segunda vez consecutiva desempenhar-se excelentemente da sua espinhosa missão.

VOLLEY — O Campeonato Universitário

Criou tradições o êxito do campeonato universitário disputado na época finda e por isso despertou animado interesse a notícia de estar resolvido e com início imediato o torneio de 1945.

Tal como da vez anterior, a prova vai decorrer em três jornadas semanais, mas sem aproveitamento do domingo, que o exemplo do ano passado mostrou ser contraindicado.

As sessões foram marcadas para as noites das segundas, quartas e sextas-feiras, com três encontros cada, a partir das 21 horas; como local, foi escolhido — e não poderia ser outra a preferência — o magnífico ginásio do Instituto Superior Técnico, a cuja Associação Escolar foi confiada a organização do campeonato.

Devido à abundância de concorrentes, que subiram de 9 para 12, formaram-se duas séries eliminatórias, cada uma das quais fornecerá dois grupos para a série final.

Na série A figuram: Técnico, Direito, Medicina, Económicas, Belas Artes e Escola Naval; os componentes das séries B são: I. N. E. F., Ciências, Agronomia, Colonial, Letras e Escola do Exército.

O campeonato começou ante-onde e terá hoje a sua segunda sessão, com os encontros Direito-Medicina, Económicas-Técnico e I. N. E. F.-Agronomia.

A seqüência do programa não foi ainda elaborada, por estar pendente da confirmação do concurso das Escolas Naval e do Exército.

JOSE DE EÇA

BIBLIOGRAFIA

Almanaque do desportista madeirense

TEMOS muito prazer em registar o aparecimento do «Almanaque do Desportista Madeirense», coordenado e dirigido pelo jornalista Mota de Vasconcelos, que é também seu proprietário. Trata-se de uma obra que não é favor considerar interessante no conjunto e valiosa em alguns dos seus aspectos. Não corresponde talvez à estrutura habitual em livros desta natureza, visto que, por exemplo, não traz um resumo geral da actividade da Madeira no desporto, em 1944. Mas tem, em contrapartida, muita nota de relêvo, no que respeita à história de vários desportos naquela ilha. E insere ampla colecção de perfis e biografias dos desportistas mais em destaque na Madeira.

Mota de Vasconcelos dividiu o seu trabalho nos seguintes capítulos: «Galeria de Honra», «Galeria de Desportistas de Mérito», «Cantinho da Saúde», «Efemérides da vida desportiva da Madeira», «Notas, factos e figuras» sobre diversas modalidades desportivas e «Assuntos diversos». Pela «Galeria de Honra» desfilam as figuras mais representativas do passado desportivo no Funchal, como Harry Hinton, H. A. Milles, a família Blandy (especialmente J. E. Blandy, Percy Blandy e Charles Blandy), Humberto Passos Freitas, António Gomes, Joaquim Quintino Travassos Lopes, António da Costa, António Vieira de Castro, dr. João Abel de Freitas e dr. Fernão Ornelas Gonçalves. Travassos Lopes, que é também uma figura do passado desportivo de Lisboa, foi para a Madeira em 1911. A «Galeria de Desportistas de Mérito» abrange inúmeras figuras de gerações mais novas, como o dr. Alvaro Reis Gomes, que deixou nome de valor na imprensa desportiva da capital, quando esteve aqui cursando a Faculdade de Direito, Albin Jud, o jogador da Madeira que mais impressionou os jogadores e directores do Benfica, quando este clube esteve naquela ilha, em 1922, e Luís de Sousa, considerado

Boa vitória da Casa António Pessoa sobre a Neogravura, no Campeonato Nacional de Futebol

INSCREVERAM-SE cerca de 50 agrupamentos no campeonato nacional corporativo, número que constitui um êxito. O torneio, na zona de Lisboa, começou a disputar-se há 3 semanas, e está muito longe de se concluir. E, evidentemente, sobre ele daremos impressões mais largas.

Funcionam 3 campos: — o de «Afonso de Albuquerque», pertença da F. N. A. T., em Belém, e da Polícia de Segurança Pública, no Campo Grande, e o da Fábrica da Polvora, em Chelas. O torneio destina-se a organismos corporativos e de coordenação económica, Grêmios, Sindicatos, empresas particulares, organismos do Estado, etc. Também concorrem equipas de segunda categoria.

Os jogos, como sempre acontece nesta prova do Pelouro de Educação Física da F. N. A. T., têm sido disputados com regularidade e correção. Qualquer desmando será rigorosamente castigado, visto que uma falta dura implica expulsão pura e simples.

Vejam os agora os resultados do último domingo, Grémio dos Retalhistas de Mercaria-Levantamentos Aéreos, 3-2; Fábrica de Louça de Sacavém-Grémio da Lavoura de Torres Vedras, 9-0; Casa António Pessoa-Neogravura, 10-0; Sociedade Aliança-C. T. Telefones, 4-1; Fábrica Progresso Mecânico-E. N. de Publicidade, 2-1; Companhia Carris-Gaz e Electricidade, 1-0.

Mereceu referência especial os resultados obtidos pelas equipas da Casa António Pessoa e da Neogravura — que perdeu copiosamente. Desta vez 10-0...

O conjunto da Fábrica de Sacavém, campeão da época finda obteve agora um resultado expressivo e demonstrou seguras possibilidades no toro. Registe-se também a vitória do Grémio dos Retalhistas de Mercaria sobre um *team animosum* — o do Levantamentos Aéreos.

O torneio continua no sábado e no domingo próximos, e principará também brevemente no Porto e em Coimbra.

Assine a Revista STADIUM

3	1950
6	3950
12	7500

Pagamento adiantado

Campeonato de juniores da A. F. L.

Benfica (B) e Sporting em evidência

COM a regularidade e entusiasmo que têm sido características principais das duas anteriores jornadas, prosseguiu no último domingo o campeonato de juniores da A. F. L. Disputaram-se como oito dias antes, onze encontros, aguardados com interesse, pois nesta altura da prova todos os concorrentes alimentam as suas esperanças e os resultados das duas saídas são de molde a revelar equilíbrio de valores. Prova-o a circunstância de ao cabo da 3.ª jornada só duas das 25 equipas inscritas não terem ainda perdido um ponto, sequer para a tabela das classificações.

De entre os jogos do último domingo, os da 2.ª série provocavam mais expectativa. As equipas do Casa Pia e Benfica-A eram das que inspiravam maior confiança aos partidários dos clubes interessados na luta e ambas haviam — inesperadamente — perdido no domingo anterior. Tornava-se por isso, necessária a reabilitação do Arroyos, vencedor dos encarnados, sabida de cotagem na semana passada e o seu embate contra os «leões», ainda imbatidos, rodeava-se de especial interesse.

Na 1.ª série, as lutas C. U. F. Belenenses e Atlético-Oeiras, tinham, também, bom cartel.

Ao cabo de três saídas, a pontuação dos concorrentes ficou assim estabelecida:

1.ª série — Atlético e Estoril, 8 pontos; C. U. F., 7 p.; Paroche e Oeiras, 6 p.; Belenenses (B), 5 p.; P. Arcos e Cascais, 4 p.

2.ª série — Sporting, 9 pontos; Benfica (A) e Casa Pia, 7 p.; Palmense e Cascalheira, 6 p.; D. C. Arroios, 5 p.; Desportivo Operário, 4 p.; F. Benfica, 3 p.

3.ª série — Benfica (B), 9 pontos; Fósforos, 8 p.; G. D. da C. P., 7 p.; Belenenses (A), 6 p.; Chelas, Operário e Sacavenense, 5 p.

Na 1.ª série, os resultados continuam a revelar equilíbrio de forças. Houve quatro vencedores, é certo. Mas o mais folgado — o Paroche — não foi além de uma vantagem de dois «goals» sobre um clube da cauda da classificação — o Paço de Arcos.

Os «zuzis» da equipa «B» sofreram segunda derrota pelo mesmo «score», 3-2. Decididamente os belenenses estão pouco afortunados. O Estoril e o Atlético tiveram no Cascais e Oeiras adversários difíceis. Uma coincidência: ganharam todos os que jogaram no seu campo.

Na 2.ª série, registou-se o resultado mais expressivo da jornada. Os 9-0 do Benfica (A) ao Cascalheira podem significar que a derrota do primeiro e a vitória do segundo, no domingo anterior, foram anormais. Os «encarnados» retomaram o fio... tal como o Casa Pia, que infligiu ao Palmense a sua primeira derrota na prova. O empate entre o Futebol Benfica e o Desportivo Operário aceita-se com naturalidade e a vitória dos «leões» sobre o Arroyos constituiu bom resultado para o Sporting.

Na 3.ª série, só três desfechos. O Benfica (B) fôlgou pela desistência do Marvilense. Saliente-se a primeira vitória do Belenenses (A) e a regularidade do Fósforos, que se desembrançou facilmente do grupo Desportivo da C. P., vencedor dos dois desfechos anteriores. É os rapazes do Operário, pupilos de Vitor Silva, ao contrário os do G. D. da C. P., averbaram a sua primeira vitória. Repare-se que os três vencedores jogaram nos terrenos do adversário.

DIAMANTINO DIAS

Josef Szabo

Um esclarecimento

SZABO visitou-nos na passada quinta-feira. Veio agradecer-nos a publicação do depoimento e pedir-nos que esclarecéssemos:

Que a expressão «lôgo à português» não envolve nem significação de luto português. Aplicou-se somente por ser a usada pelos defensores de um pretérito sistema — que éles próprios não sabem definir... É também que, se recordo as cenas deploráveis e que todos assistimos, foi para vincular que eles existiram, contra o que quizerem dar a entender, precisamente quando não havia lôgo de posição — e sobretudo para acentuar, porque lhe é sempre muito grato lê-lo, que a orientação imposta pelo Direcção Geral do Desporto acabou por sempre com a deplorável indisciplina que existia.

«Para fechar — concluiu Szabo — podem dizer também aos novos que comecem por praticar o futebol no patriótica «Mocidade Portuguesa». Aprenderão a jogar, a ser desportistas, e quando chegarem aos dezeto anos, idade em que podem ingressar nos clubes seus preferidos, já serão outros!»

Aqui fica satisfeito o desejo de Szabo, com a vantagem de não permitir más interpretações.

DE LUTO

Capitão dr. Manuel Gomes dos Santos

Faleceu na passada semana o sr. capitão dr. Manuel Gomes dos Santos, conhecido pedagogo, que dedicou valiosa actividade ao campismo e esotismo. Espírito culto e carácter afabilíssimo, deixou profunda saúde a todos os seus discípulos e amigos.

Henrique Portela

Também faleceu há dias este conhecido desportista, que ocupou com brilho o pósto de médio esquerdo do Sporting e fez parte da equipa nacional de futebol.

Era justamente estimado pelas suas excelentes qualidades de carácter.

A família enlutada e ao Sporting apresentamos a expressão do nosso pesar.

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

IX — A tarefa do médio de formação

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

A acção dos médios é ingrata; em geral, quando falha qualquer movimento ofensivo ou quando os adversários insistem no ataque, a culpa é sempre deles, porque não souberam aproveitar oportunidades ou porque permitiram a livre intervenção dos médios contrários. Em todas as circunstâncias, bem lhes vai a vida quando os avançados dominam na formação, oferecendo-lhes múltiplas ocasiões para iniciarem ofensivas e satisfazer a natural impaciência dos componentes da linha de três quartos.

O caso contrário é mais feio e nada menos invejável do que a tarefa de um médio, atrás da formação batida, na posse da bola.

O médio de formação pode e deve auxiliar os seus avançados no cumprimento vitorioso dos esforços da formação; a forma de introduzir a bola não é indiferente e duas circunstâncias podem, sobretudo, ser favoravelmente aproveitadas.

Um dos mais apreciados técnicos franceses de antes da guerra, Carlos Gondouin, refere-se-lhes assim: «Ainda que obedecendo estritamente à regra que lhe impõe colocar a bola no centro da formação, o médio pode favorecer a sua equipa e basta, para o reconhecer, considerar duas coisas: 1.º, quando a formação está organizada equilibra-se constantemente em oscilações para trás e para diante; por conseguinte, os avançados que no momento da entrada da bola aproveitarem do movimento de avanço da referida oscilação, têm vantagem para talonar; 2.º, o encaixe dos corpos dos seis jogadores opostos na primeira linha dá à formação uma constituição tal, que cada campo tem de um dos lados uma linha saliente sobre o grupo contrário; se, portanto, o médio introduzir a bola na formação pelo lado em que os seus avançados ocupam a linha exterior, a

bola é disputado por mais pés amigos do que contrários.»

O médio deve indicar sempre aos seus avançados por que lado (direito ou esquerdo) a bola vai entrar na formação. Durante todo o tempo que ela ali se conserva segui-la cuidadosamente, avisando os seus homens da saída favorável ou contrária. Neste último caso, lançar-se-á imediatamente sobre o médio contrário, na esperança de impedir a transmissão do cobice do objecto. Cautela, porém, com os excessos de zelo, pois se ultrapassa a linha da bola encontra-se deslocado e isso equivale a um pontapé livre concedido ao adversário.

Uma vez novamente na posse da bola, obtida por talonagem favorável, a sua acção será tanto mais útil quanto mais depressa a transmitir ao outro médio.

Como o médio de formação está rigorosamente marcado pelo directo adversário, não lhe sobra tempo para se desembaraçar da bola e muito menos para ponderações na forma de o fazer; por isso, como dissemos, deve haver perfeito entendimento entre os dois médios, para que o primeiro saiba, em todas as circunstâncias possíveis, a colocação do segundo e a consequente direcção da passagem da bola.

Claro está que esta passagem não será sempre mecanicamente idêntica, pois a uniformidade permitiria ao adversário prever a marcha dos acontecimentos e antecipar-se a ela.

Compete ao médio de abertura, melhor colocado para ajuizar das condições, tomar a iniciativa da manobra, indicando ao companheiro, por um pequeno sinal previamente combinado, para que ponto lhe deve ser enviada a bola. E digo assim porque, muitas vezes, o lugar que o médio de abertura toma no momento da formação não é aquele onde tenciona colocar-se quanto da saída da bola, isto no propósito de enganar o médio contrário.

Finalmente, e obedecendo à regra geral de que um jogador só deve passar a bola quando directamente ameaçado por um adversário, o médio de formação deve atacar por sua iniciativa quando possa iludir a apertada vigilância do seu rival; nesta condição, o médio de abertura segue-lô-á atentamente e a linha de ataque fica afastada pela colaboração de mais um homem, factor que não é para desprezar.

Quando a formação tem lugar a meio campo, o ataque pode ser indiferentemente iniciado por qualquer dos lados, embora de preferência por aquele cujos três-quartos sejam mais rápidos; quando a formação, porém, actua perto de uma das linhas laterais, o ataque deve ser lançado pelo lado oposto, o chamado lado aberto — excepto em circunstâncias especiais, quando por descuido o adversário haja desmarcado o estreito corredor do lado fechado.

Nesse caso, ao médio de abertura compete vê-lo e saber aproveitá-lo, lançando pelo caminho oferecido o três-quartos ponta respectivo, se o não puder fazer êle próprio.

O torneio de futebol

da Ala 2 da «M. P.»

Dentro das habituais características de correção, entusiasmo e disciplina, prosseguiu, no sábado e no domingo últimos, o torneio de futebol da Ala 2 da «M. P.», que jornada a jornada ganha novos motivos de interesse.

A maior contagem da jornada coube, desta vez, ao grupo do Liceu Camões, batendo o da Machado de Castro por 4-0.

Ainda que oferecendo boa resistência, a Escola de Pedro Nunes sofreu duas bolas sem resposta ante a Escola Manuel Bernardes.

O conjunto dos Pupilos do Exército parece em melhoria de forma e venceu o Centro Extra-Escolar n.º 1, de Alhandra, por 3-1.

O desafio mais equilibrado da jornada disputaram-no o Colégio Académico e a Escola Comercial Patrio Prazeres, vencendo o primeiro por 2-1.

FLECHA é a melhor bicicleta

CAPAS PARA SEPARATAS

Avisamos os nossos leitores que termina no próximo dia 5 de Fevereiro o prazo para a requisição e levantamento das capas que oferecemos para encadernar as reportagens gráficas em separata.

Depois daquela data não aceitamos mais cupões.

NA III DIVISÃO DA A. F. L.

Ao cabo da primeira volta

Palmense, Arroios e Vitória em evidência

AGORA, que estamos precisamente a meio do torneio n.º 3 da A. F. L., lógico é fazer um ligeiro balanço à actividade desenvolvida pelos concorrentes em 10 jornadas consecutivas.

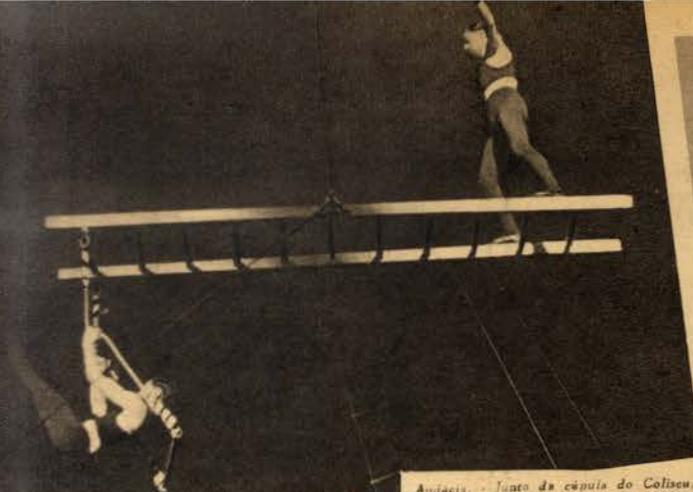
A cabeça da lista surgem três colectividades — duas com bom passado na competição, o Palmense e o Arroios — outra, verdadeira revelação da presente temporada, a Vitória de Lisboa.

São três pretendentes ao título, dos quais o Palmense nos parece com pouca «fundo» para suportar a segunda ronda. O Arroios deve ser, tecnicamente, o mais apetrechado, e para o Vitória vão, sem favor, as honras do torneio.

Segue-se, pela ordem que ocupam na tabela, um grupo de cinco agremiações, quasi com o mesmo admero de pontos: Olivais, Operário, Amoreiras, Cascalheira e Mirantense, bons adversários para os melhores e dos quais apenas o Olivais não está à altura de defender a sua posição da época passada.

Por último, três clubes, todos êles estreantes na prova: Tarujense, Amadora e Desportivo da C. P. Não lhes vemos possibilidades de melhorarem as suas modestas posições, mas diga-se em abono da verdade, que já por diversas vezes têm dificuldade a tarefa a «leões» mais apetrechados e melhor classificados.

Em reservas, cujo campeonato também está a decorrer com bastante interesse, as posições da vanguarda não ocupadas pelos «leaders» de categorias de honra: Palmense, Arroios e Vitória. O melhor conjunto deve ser o do Palmense, se bem que há que contar — e muito — com a turma do Vitória.



Audência. — Junto da cúpula do Coliseu, os ginastas do Ateneu exibem-se em escada aérea

Pela o
SOCORRO de INVERNO
O SARAU
GIMNASTICO
no Coliseu
esgotou a
lotação

O sarau gymnástico, promovido pela Comissão de Socorro de Inverno com a colaboração dos clubes da especialidade, da F. N. A. T., Bombeiros Municipais e Escola do Exército, alcançou enorme êxito de interesse público e serviu para demonstrar, uma vez mais, o incremento que a gymnástica, sob todas as formas, adquiriu em Lisboa e ainda quanto os seus espetáculos são do agrado popular.

A imensa nave do Coliseu apresentava o aspecto dos dias mais festivos: nem um posto ficou vago e na bilheteira esgotou-se a venda de bilhetes para qualquer das categorias de lugares.

Isto, menos duas semanas após o festival do Lisboa Gymnástico Clube, tem significado inconfundível de aprêço, do entusiasmo que provoca na multidão estes belos certames de arte, de destreza e de arrôjo.

O programa foi composto de maneira a animar todas as curiosidades, aliando às exhibições conhecidas, mas de seguro acolhimento favorável — aquelas que o público nunca se cansa de aplaudir — outras apresentações de novidade e de aliciança perspectiva.

O desempenho dos participantes foi, de modo geral, muito apreciado: os espectadores aplau-



Os saltos pelos alunos da Escola do Exército

diram sempre, mais ou menos convictamente, mas aplaudiram; e em certas ocasiões o aplauso transformou-se em aclamação, vibrante, espontânea e unânime. Noite de gala, noite de prestígio para os organismos que, nela cooperaram, noite de elucidativa demonstração do aperfeiçoamento das práticas gymnásticas em Portugal e do compensador e carinhoso acolhimento que o grande público lhes dispensa.

Os heróis da festa foram, sem dúvida, os dois artistas — amadores, mas artistas — do Ateneu, no seu número da escada aérea. Já no ano passado, por ocasião do sarau de encerramento das classes no clube, emitimos, sem regatear louvor, a nossa opinião sobre o trabalho; agora, em condições de ambiente mais emotivas, o triunfo foi absoluto e merecido.

Durante vinte minutos, a assistência viveu empolgada pela precisão dos exercícios e pela serena audácia dos ginastas. A aclamação final, como maiores não se terá ouvido muitas vezes o Coliseu, foi ao mesmo tempo uma expressão de alívio e manifestação de entusiasmo.

Avallando pelo calor das ovações, os trabalhos que mais agradaram depois ao público foram os saltos de mesa alemã, pelos rapazes do Lisboa Gymnástico, as danças regionais das raparigas da F. N. A. T., apresentadas pelo tenente Alberto Marques Pereira, e a classe de gymnástica dos Bombeiros, comandada pelo professor Robalo Gouveia.

Teve razão o público, na sua preferência, mas merecem ainda apontamento os voadores do Lisboa Gymnástico, embora menos felizes do que na sua anterior exhibição; as senhoras do Gymnástico Club Português, com o seu vira primorosamente marcado; e também a apresentação eques tre de alta escola, o duplo trapézio, os exercícios com massas indianas e a classe feminina de Sacavém — isto sem que pretendamos significar que os restantes elementos do programa não agradaram, mas apenas porque é impossível seleccionar em valor relativo uma totalidade.

Em resumo, a impressão geral foi excelente, tanto para o grande público como para aqueles espectadores aos quais o conhecimento das técnicas e práticas gymnásticas tornam mais exigentes.

Reconhecem-se vantagens de considerar aos espetáculos deste género, quando assim ecléticos e bem organizados: vantagens de propaganda, de demonstração de trabalho eficiente, de apresentação de métodos e resultados.

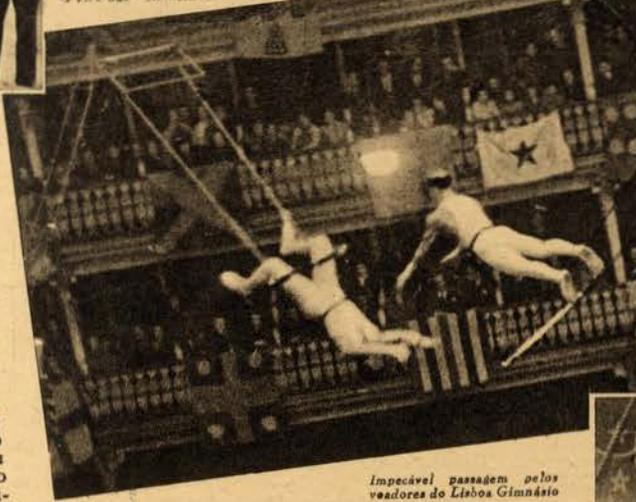
Assim, devemos desejar que se repitam com a frequência possível, porque o público não se cansará de os apreciar e de corresponder à iniciativa dos promotores. **Salazar Carreira**



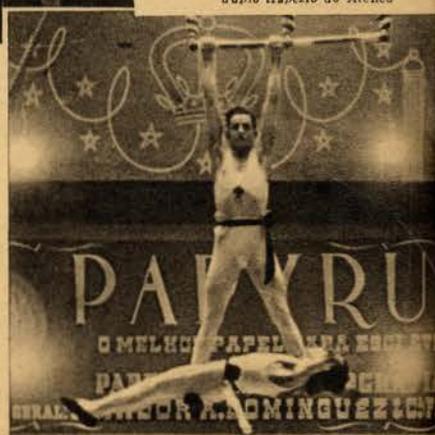
O vira das "simonistas"



As danças da F. N. A. T. (Grandella) e duplo trapézio do Ateneu



Impecável passagem pelos voadores do Lisboa Gymnástico



A organização e a direcção do sarau esteve confiada ao sr. major Jorge César Oom, que foi justamente felicitado pelo êxito desportivo e espectacular que conseguiu.

ESTORIL
COSTA DO SOL
Tudo para o seu
Café

Boxe
**Combates de interesse relativo
 e pouco público**
 na última sessão do **COLISEU**

A última sessão de pugilismo que a Sala Central de Desportos organizou no Coliseu dos Recreios não registou a mesma afluência de público da reunião anterior, nem decorreu com idêntico entusiasmo. Efectivamente, além do tempo estar frio e húmido, o programa compunha-se de combates com interesse relativo, à excepção do principal, que reunia o atractivo de desforra; mas quer este, quer os outros, poucas vezes empolgaram os espectadores.

O encontro de abertura travou-se entre Filipe Rebordão (63 quilos) e Jack Freitas (61,5).

Luta desigual e, portanto, sem interesse. Vitória merecidíssima de Rebordão, que desde o primeiro ao último assalto massacrrou, sem resposta digna de aprêço, o seu *parado* adversário. Freitas, que possui uma forte direita, carece de conhecimentos e de iniciativa.

Sousa II (56) e Adolfo Rodrigues (57), que subiram em seguida ao «ring», começaram por fazer um combate movimentado e vistoso. Aos ataques de Sousa sucediam as respostas e esquivas (algumas irregulares, por serem executadas abaixo da linha de cintura) de Rodrigues. No segundo assalto, porém, este pugilista acusou um golpe ao estômago e, pouco depois, recebeu outro, desta vez ao rosto, tendo ficado K.O. O vencedor denota progressos; quanto ao vencido, que há anos não jogava em Lisboa, não nos deu tempo de aquilatar do seu actual valor.

Alfredo Oliveira (63,5) e Manuel Gualdino (64) disputaram o terceiro combate da noite, que terminou por «match» nulo. Ambos os contendores bateram-se rijamente e a decisão traduz a fisionomia da luta. Oliveira exibiu-se melhor que das últimas vezes e Gualdino mostrou subida de forma.

O quarto combate opôs Valente Rocha (64,2) a Raúl Oliveira (64,3) e foi o mais interessante da sessão. Rocha, que obteve um merecido triunfo por pontos, demonstrou que as suas esplêndidas qualidades, se forem bem aproveitadas, poderão fazer dele uma das nossas primeiras figuras do profissionalismo. Raúl ripostou sempre que pôde, mas apesar da sua costumada combatividade foi largamente batido por um adversário mais rápido e mais sabedor.

O combate de fundo, a cargo de Guilherme Martins (62,3) e António Silva (62,3) não correspondeu à expectativa. Os três primeiros assaltos impacientaram a assistência pela excessiva apatia de ambos os pugilistas. Os restantes, proporcionaram algumas fases de boa esgrima, sem contudo causar emoção própria de uma desforra.

Martins não se apresentou tão bem como habitualmente, ao contrário de Silva, que revelou melhores condições físicas e actuou com presteza, chegando até a colocar em dificuldade o seu valoroso antagonista. Todavia, Martins reagiu prontamente e, ao cabo dos dez assaltos, foi declarado vencedor por pontos, sendo a decisão dada por um júri. A vantagem pareceu-nos tão ligeira que, quanto a nós, um empate ajustar-se-ia, com mais exactidão, ao desenrolar do encontro.

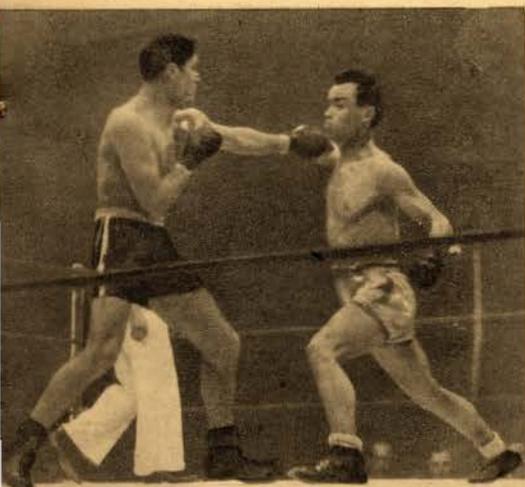
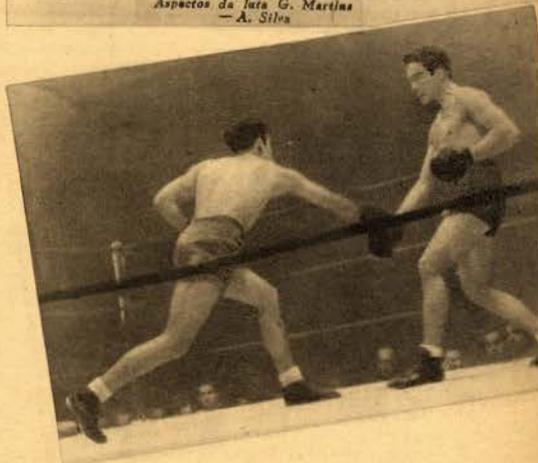
Arbitraram, pela ordem dos combates, aos srs. Walter Pressler, Jordão França, Aluísio Falcão, Machado Júnior e José Araújo, não dando motivo a reparos de importância.

A aparelhagem sonora é que funcionou deficientemente, pois nem sempre se percebiam os nomes e os pesos dos pugilistas, ou a indicação dos juizes.

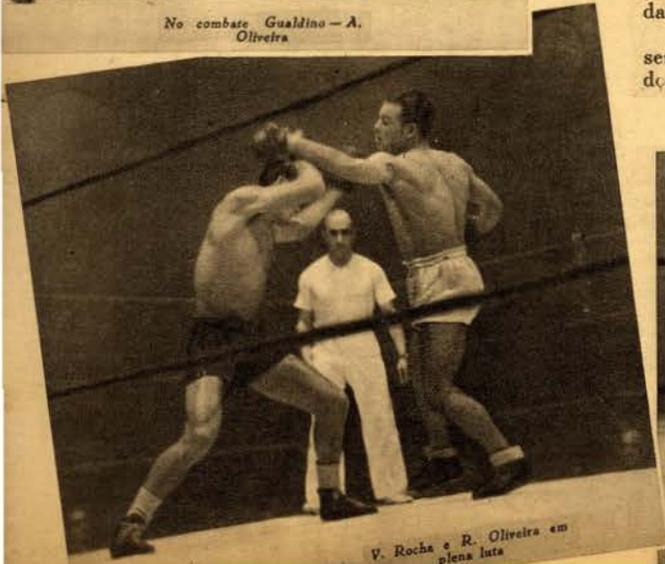
SEGUNDO



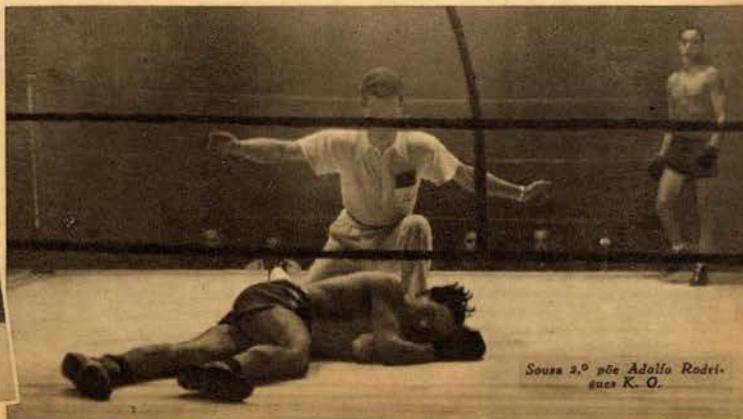
Aspectos da luta G. Martins — A. Silva



No combate Gualdino — A. Oliveira



V. Rocha e R. Oliveira em plena luta



Sousa 2.º põe Adolfo Rodrigues K. O.

A segunda prova do calendário oficial da temporada de inverno do atletismo português confirmou o ressurgimento, entre nós, da salutar especialidade do «corta-mato», e correspondeu também ao admirável ambiente de entusiasmo e de interesse deixado pela nossa organização de oito dias antes. O público, desta vez — e como sintoma flagrantemente da boa propaganda que exercera sobre ele o «corta-mato» da *Stadium* — compareceu em número mais elevado, ao passo que, por outro lado, os clubes procuraram melhorar as suas representações: o Académico, por exemplo, chamou à actividade uma das mais raras e brilhantes do nosso atletismo: José Cortés.

Depois, para que tudo se conjuga em favor do ressurgimento que se impunha, temos lido organizações perfeitas, lutas equilibradas e leais, assim como esforçada acção dos dirigentes de A. P. A. Isto é: os verdadeiros amigos do atletismo português, num gesto nobilitante, puzeram de lado ressentimentos e «mal-entendidos», para se reunirem, todos com a mesma força de vontade, em volta da modalidade, prestigiando-a, exaltando-a — dando-lhe, enfim, todas as condições de vida progressiva e brilhante.

Na verdade, pode dizer-se que que se está a trabalhar como poucas vezes se tem feito entre nós!

Por isso, o atletismo português ocupará dentro de duas épocas posição de excepcional relevo no panorama nacional.

Na segunda prova da época confirmou-se a boa impressão del-

Stadium

na Capital do Norte

ATLETISMO NA SEGUNDA PROVA de "corta-mato" da época confirmou-se o ressurgimento da modalidade

Comentários de EDUARDO SOARES

xada pelo «corta-mato» da *Stadium* — já o dissemos, mas convém repetir-lo. Sendo assim, os nossos comentários de agora têm de limitar-se a ligeiros apontamentos de ordem técnica.

Há que pôr cuidado especial na escolha dos percursos — e na prova do Operário cometeu-se o levandade de obrigar os atletas a percorrer e alvestrar caminhos públicos de certo movimento, com a agravante de se fazer nestes a chegada e as transmissões de estafetas. Não se ponderou como devia ser a escolha do percurso, que nada leve a justificá-lo, pois nas Cavadas — e é precisamente por essa razão que os seus terrenos merecem a escolha — há largas possibilidades de fazer autênticas corridas de «corta-mato» (o que em boa verdade não aconteceu no dia 14 sem necessitar a utilização dos ditos caminhos públicos. Os atletas po-

diar ter sido vítimas de atropelamento por qualquer veículo que passasse na ocasião e o público, por outro lado, deixou de ter possibilidades de seguir toda a prova — precisamente uma das boas vantagens que os terrenos das Cavadas oferecem.

Não houve, sabemos, qualquer propósito especial na escolha desse percurso. Nada mais do que insuficiência de conhecimentos técnicos — e por isso mesmo, na missão que nos compete, aqui estamos, dentro do bom espírito de colaboração, a dar esclarecimentos que se impõem. Continuamos a ver, também, antes e depois das provas, atletas sem os aconselháveis agasalhos. Para o assunto chamamos de novo a atenção dos orientadores técnicos.

Resta falar da acção dos concorrentes. Todos eles confirmaram, mais ou menos, as qualidades reveladas na prova da *Stadium* — com excepção de Artur Fernandes, que teve corrida fraca. Parece que este jovem atleta não encara a sua preparação a sério, permitindo-se liberdades condenáveis. É pena, porque se trata de um elemento com futuro. A sua corrida desludiu e esta queda de valor em oito dias reflecte anormalidade, que necessita de correcção.

Os restantes — ainda revelados no «corta-mato» da *Stadium* — comportaram-se de maneira a garantir ao nosso atletismo um magnífico «tope» de praticantes da especialidade. De todos faremos, em particular, a medida que as competições forem decorrendo.

A distribuição dos prémios do «corta-mato» da Stadium

Vai ter o seu epílogo a nossa primeira organização de 1945 em favor do desporto português. Para isso, vamos levar a efeito uma sessão de propaganda, que terá lugar amanhã, 25, pelas 22 horas, na sede do Académico — colectividade que láo brilhantemente disputou a taça «Joaquim Moreira Jr.», prémio do «corta-mato» da *Stadium*.

No decorrer dessa sessão, a que deve presidir o sr. Mário de Carvalho, ilustre Delegado da D. G. D., fará uma breve palestra o nosso camarada Eduardo Soares. Serão também entregues medalhas aos 6 primeiros classificados da nossa prova, a saber: António Bernardo da Silva (Salgueiros), Artur Fernandes (F. C. do Pórtio), Coutinho Monteiro (Académico), Elísio Silva (Salgueiros), Carlos Miranda e Leonel Silva, ambos do F. C. do Pórtio.

Tudo se conjuga, pois, para que a iniciativa da *Stadium* tenha o mais brilhante epílogo.

Vai ser remodelada a Direcção da A. P. A.?

Como se sabe, há perto de um ano que a Direcção da A. P. A.

A figura da semana

Gomes da Costa

REAPARECEU no encontro Pórtio-Olhaneense um dos mais populares jogadores do futebol português: Gomes da Costa. Arredado há longo tempo das competições por motivos vários, o jovem desportista veio, apesar disso, dizer-nos, com a sua maravilhosa acção, que não perdera ainda qualquer parcela das suas excepcionais qualidades. Nos «drillings» perfeitos e impressionantes, nos passes certos e matematicamente calculados, Gomes da Costa continua a impor-se — continua a ser «ele mesmo...».

Gomes da Costa veio do Vila Real. Jogara lá enquanto estudante do liceu. Depois, um curso superior e a fama das suas prometedoras exhibições trouxeram-no até nós e até ao F. C. do Pórtio. E tudo quanto então se disse acerca do seu valor foi confirmado por consoladores factos — que lhe dão já a ser considerado como das mais brilhantes revelações da nova geração de jogadores do futebol português.

Correctíssimo, desportista que se impõe à estima geral, modesto por excelência, Gomes da Costa tem sabido, como poucos, firmar em bases sãs a sua já brilhante carreira de praticante.

Compreende-se, por todas estas razões, que o público tenha visto o seu reaparecimento com manifesto júbilo, exteriorizado em exultantes atitudes de entusiasmo. É que apesar da sua larga ausência, os frequentadores dos campos de futebol não o tinham esquecido ainda.

Congratulemo-nos, pois, com o reaparecimento de Gomes da Costa e façamos votos para que ele seja duradouro... Lucrará o seu clube, o futebol nacional — e até o espírito desportivo, de que Gomes da Costa é fiel interprete.

está a trabalhar apenas com três elementos, visto que os dois restantes nunca chegaram a tomar posse. Apesar disso, os dedicados que responderam à chamada têm-se desempenhado cabalmente da sua missão — e até com êxito de certo modo relumbante, que não nos temos cansado de enaltecer, prestando-lhes justiça.

Mas o trabalho está a tornar-se demasiado, e impõe-se também que os lugares vagos sejam preenchidos, para boa regularidade dos serviços e para mais equitativa e justa distribuição de esforços. Muito têm feito já os dinâmicos e dedicados dirigentes da A. P. A. Além disso, o lesoureiro actual, Eduardo Silva, manifesta o desejo de abandonar o cargo e de passar para o de vogal, onde, diz, poderá trabalhar ainda mais. Teremos assim vagos os cargos de lesoureiro e de 2.º vogal, os quais em breve devem ser preenchidos.

Regosigemo-nos com o facto, pois assim a A. P. A. ainda mais e melhor poderá trabalhar, e felicitemos os actuais dirigentes pela justiça que se lhes presta.

HANDBALL

Notas e comentários

A C. D. Árbritos inaugurou a sua escola, que há muito se tornara indispensável. Inscreveram-se 12 candidatos independentes e espera-se, também, que venham a frequentá-la os árbritos indicados pelos clubes, na maior parte pouco conhecedores da técnica do jogo. Quanto aos juizes de campo em actividade, pensa a C. D. fazer um estudo, afim de averiguar da sua bagagem teórica e prática.

♦ O resultado estrondoso conseguido pela selecção lisboense sobre a equipa de Madrid, fez criar um ambiente de espectacularidade nesta cidade.

O próximo Pórtio-Lisboa vai ser, por esse facto, um acontecimento desportivo excepcional. O Sul, com natural justiça, julga ter atingido um nível superior no «handball» português. O exemplo do bom lote de jogadores apresentado nas Salésias, no dia 1, assinala a sua mais forte selecção constituída até hoje.

O Norte, onde número elevado de clubes praticam a modalidade, emparada por assistências que, por vezes, fazem inveja ao futebol, quer demonstrar, de novo, a superioridade do «handball» português... O embate dos dois seleccionados na época passada acusou, na verdade, decréscimo no onze do Invicto, a nivelar-se mais com o congénere da cidade de Ulisses. Mas, poderá, este ano, manter-se a mesma incerteza?

Conquanto Lisboa já tenha pôsto em campo todos os seus recursos, o Pórtio, pelos mãos de Alves Teixeira, está a preparar-se cuidadosamente.

A julgar pelo que se diz, a linha dianteira portuguesa, do norte do grupo e a esperança dos northenos, causará calafrios na formidável defesa sudista.

Xavier, Montalvão (ambos do Vigorosa), José Manuel (do Sport), Gomes e Fábão (Pórtio), deve ser, na realidade, o mais poderoso ataque português.

Além disso, haverá entendimento nas duas asas, formadas por elementos de clube.

♦ A não escolha de elementos do Vilanovense tem merecido censuras nalguns sectores. Sem razão. A lição da época passada foi dura e é preciso reconhecer que, embora o grupo valha muito «num todo», isoladamente os seus elementos não estão à altura de uma selecção.

♦ Ainda não terminou a 1.ª volta do Campeonato regional e, portanto, são de admitir muitas alterações. Mas reportando-nos à acção desenvolvida pelos grupos, de entre o F. C. do Pórtio, o Vilanovense e o Vigorosa deve sair o vencedor. Interessante, também, a luta dos restantes, em dois poleões distintos. Um, com o Desportivo, o Solgueiros e o Sport; outro, com o Académico, o Fonteinhas e o Boevista. O grupo do Lima, com surpresa geral, de jornada a jornada está baixando de posição, quando já foi considerado provável campeão, após um início de espanto.

♦ Começou no passado domingo o torneio oficial da 2.ª Divisão, que este ano é disputado por 7 clubes.

As organizações da nossa revista
em favor do desporto português

Encerra-se amanhã a inscrição para o Torneio de "Volleyball"

A falta de um campo coberto está a prejudicar a propagação da modalidade — O que disse sobre o assunto o jornalista Alves Teixeira

É já amanhã, na Associação de Basketball, onde funciona provisoriamente o organismo dirigente do «Volley» no nosso distrito — que se encerra a inscrição para o Torneio que vamos levar a efeito e que promete decorrer em maré alta de entusiasmo. F. C. do Porto, Centro Universitário, Sport, S. Roque, Académico, Villenove, Amaranite, Académico de Braga e de Espinho, etc., asseguraram-nos já a sua presença e prometeram-nos, igualmente, lóda a sua valiosa colaboração. Do Centro Universitário recebemos mesmo um calvante officio, assinado pelo Director dos Serviços de Educação Física e Desportos, sr. dr. Jayme Rios de Souza, em que se nos garante a inscrição de duas equipas e se nos felicita pela iniciativa tomada.

De todos os lados, pois, nos chegam os melhores aplausos. Por isso, é certo que o nosso Torneio de «Volley» vai atingir o objectivo que ambicionamos: o da propagação da modalidade.

Enquanto à data do início da prova, ainda hoje nada se pode dizer em definitivo, mercê das mil e umas dificuldades que surgem para conseguir locais próprios. Devido às condições atmosféricas actuais, é-nos impossível utilizar os campos descobertos, como em princípio estava projectado. Por outro lado, entre nós — triste é confessá-lo — não existem campos cobertos; temos por isso de recorrer a um salão, já que o ginásio do Sport não está livre.

É de facto lamentável que a nossa cidade não possua ainda um campo coberto para este género de desportos. O assunto é de tal importância que mereceu já do nosso camarada Alves Teixeira os comentários que se seguem:

Outro mal do basquete é a falta de um campo coberto. Quando se badalam tantas iniciativas, algumas delas com uma projecção invulgar, a denunciarem o espírito de iniciativa dos portugueses, vemos que não há um punhado de desportistas que num momento de inspiração resolva construir um campo coberto, que seria um ottimo emprego de capital, porque «ele se poderia realizar todas as competições de inverno e algumas delas a chamarem a atenção do público: box, basquete, hockey em patins, patinagem, volley-ball, ping-pong.

Em Lisboa o campeonato tem sido um manancial de receitas. Estamos a perder uma posição que foi ganha à custa de muitos sacrificios. Não é apenas o equilíbrio existente entre os clubes, que na verdade é impressionante, mas sim a existência de um recinto onde se podem realizar à noite os respectivos encontros. Mesmo com aquele equilíbrio todo, se não houvesse campo eles resultaria estéril.

De novo e nestas columnas fazemos um apelo aos portugueses, convencidos de que aparecerão alguns capazes de compreender que a construção de um campo coberto será um magnifico emprego de capital.

Estamos pois perante um melindroso problema, que temos de remediar de qualquer forma. Não há campos cobertos, improvisam-se...

Mais uma semana, e dar-se-á início ao Torneio!

Entrevistas... pelo telefone

De Vila Nova de Gaia, respondeu

Manuel dos Santos Marau...

A notícia chegara-nos em segredo: o F. C. de Gaia está a preparar uma boa equipa, para regressar ao atletismo... Mas queremos saber mais — e o telefone rapidamente nos pôs em comunicação com Manuel dos Santos Marau, antigo atleta e «recordman» e que aquele clube tem dado o melhor do seu esforço. E à nossa pergunta, a resposta veio imediata e precisa:

— Sim, é verdade. A pedido dos directores de minha colectividade resolvi «melior ombros

○ BELENENSES

BASKETBALL
ESTÁ APURADO
CAMPEÃO DE LISBOA

QUALQUER que seja o desfecho do desafio Belenenses-Benfica, já nada pode influir no desenlace do campeonato de Lisboa de 1944/1945. Com quatro pontos de avanço sobre o seu mais próximo competidor, o Clube de Futebol «Os Belenenses» tem assegurado o título de campeão. Conquanto as suas exhibições tenham sido irregulares — os jogos bons alternaram com outros deficientes — é fora de dúvida que, em valores individuais, a equipa «azul» é a mais forte da temporada. Daí a ampla justificação para esta vitória.

Seria de desejar que os seus elementos não ficassem desarticulados e expostos a variantes tão frequentes. O tempo, por certo, destruirá nesta equipa o pessoalismo que a caracteriza, dando-lhe a coesão e homogeneidade que tanto se de desejar. Materia prima não lhe falta!

Igualmente o Benfica e o Atlético têm as suas posições fixadas nesta temporada, respectivamente com os 2.º e 3.º lugares.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

A publicação dos EMBLEMAS de todos os CLUBES fielmente reproduzidos a cores

COMO dissémos no nosso último número, «Stadium» dará início, dentro de algum tempo, a uma publicação de separatas — nova iniciativa da nossa revista, esta com caracter verdadeiramente popular.

Trata-se de oferecer aos nossos leitores a coleção dos EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS DE TODO O PAIS, numa reprodução a cores, com todos os pormenores.

Já nos dirigimos a todos os clubes filiados nas associações de futebol do País, ilhas e provincias ultramarinas, solicitando a remessa, ATÉ 31 DE JANEIRO CORRENTE, de um desenho do emblema ou escudo da colectividade, no formato mínimo de 15x10 cm., desenhado com as respectivas cores, ou a preto, mas neste caso com a localização exacta daquelas cores. Deve também ser-nos indicada a data da fundação do clube.

à iniciativa de fazer ressurgir a secção atlética. Em Gaia não faltam rapazes com habilidade e com gosto pela modalidade. Apesar disso, todos os clubes da Vila quasi só têm vivido para o futebol, esquecendo que o atletismo é o mais salutar de todos os desportos.

«Val caber pois ao F. C. de Gaia o missão de fazer reunir todos esses elementos, dando-lhes o indispensável bagagem técnica — e os trabalhos de preparação já começaram com os melhores resultados. Aguarde, e verá...

Foram as últimas palavras de Manuel dos Santos Marau, de entusiasmo e de fé. Parabens ao F. C. de Gaia!

O interesse resume-se, desta maneira, ao último lugar, para fugir ao qual Cuf e Sporting lutam à porfia... O Lisgás secunda — e a vitória obtida sobre o Carnide é bem um indicio do ardor empregado para se verem afastados de semelhante posição.

Esta luta, tão interessante com aquela a que se assistiu para o 1.º lugar, terá o seu epilogo esta semana, com a disputa dos jogos da jornada derradeira.

A melhoria da Cuf foi confirmada no encontro que teve com o Benfica; a nota predominante do desafio foi o movimento e da melhor ligação dos seus jogadores resultou a segunda derrota dos «encarnados», que não puderam evitar este desfecho devido à ausencia de Trindade.

Com iguais características se desenrolou a partida Sporting-Algés, em que este último, devido estado sempre na posição de vencedor, se viu ultrapassado, nos minutos finais, pelos «leões»; Campos, com os seus característicos lançamentos de longe, foi o principal artífice de tão preciosa vitória.

O melhor espectáculo da jornada foi, sem dúvida, o fornecido pelos actuais campeões — podemos já chamar-lhes assim — no seu jogo com o Atlético. Conjunto mais apurado da parte do vencido e exhibição em força dos «azuis»; dste embate saiu o interesse que levou ao campo da Boavista farta assistência.

Ao Atlético faltou «chances» nos lançamentos; lances houve em que as bolas, devido ao efeito que levavam, fugiam de dentro do cesto; com um pouco de sorte, o «score» teria sido menos expressivo.

Contra o habitual — talvez resentindo-se da importância do encontro — Romulo não foi o jogador que estamos habituados a ver na marcação dos lances livres. Natividade, um pouco duro, e Valério, sempre a ajudar o ataque, foram dois «grandes» no capitulo defesa. Ceia e Cruz afirmaram-se dois bons marcadores, em especial o último, que confirmou uma vez mais a sua extraordinária habilidade. Afonso Domingues, enquanto jogou, cumpriu muito bem.

No Atlético assistiu-se uma vez mais à falta de um centro em harmonia com o encontro, pois Machado não conseguiu dar seguimento às jogadas de José Ferreira e Neves; J. Pereira, que o substituiu, não melhorou a situação. A defesa, atenta, foi um obstáculo ao ataque belenense, tendo-se distinguido Tavares na marcação dos lances livres.

JOÃO ASSUNÇÃO

Sr. desportista!!

O uso do tabaco é um vicio dos mais prejudiciais. Os seus terriveis efeitos opõem-se ao revigoramento do fisico e torna-os inaptos e incapazes para as praticas e competições desportivas. Combata-o eficazmente com o

Elixir anti-fumante

Frasco 5\$00

Pelo correio 7\$00

A venda: em Lisboa, S.R., rua dos Faquelros, 262, 2.º dt.º; no Porto, Azevedo & Morgado, Limitada, rua Mouinho da Silveira, 542.

Ano III — Lisboa, 24 de Janeiro de 1945 — II Série — N.º 112

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 11 — LISBOA
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

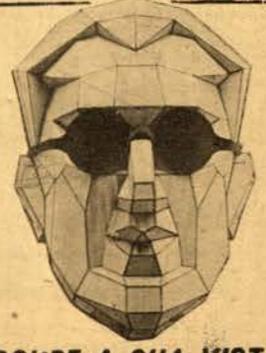
IMAGENS DA ACTIVIDADE DESPORTIVA NO PORTO



6
HOCKEY EM CAMPO: 1—A equipa do F. C. Pôrto; 2—A equipa do Boavista F. C. (estão ambas empatadas no 1.º posto do campeonato regional).
TENNIS DE MESA: 3—A equipa do G. P. Candal, campeões regionais da II Divisão, sem derrotas; 4—As representa



4 ções do Académico F. C. e do Estréla Vigorosa, que marcham em 1.º lugar, com o mesmo número de pontos, no campeonato do Pôrto. **FUTEBOL:**—O «onze» do Ermezindo S. C., campeão da Promoção na última época e da III Divisão na actual. **ATLETISMO:** As últimas provas do «corta-mato»: 6—Bernado, do Salgueiros, vence na prova organizada pelo Operário; 7—Grupo dos concorrentes à mesma prova; 8—Os vencedores do «corta-mato» da A. P. A., disputado no último domingo: da esquerda para a direita, Carlos Miranda, do F. C. P., iniciado; F. Cardoso, do Operário, principiante; Manuel G. Silva, do F.C.P., júnior; e de novo António Bernardo, do Salgueiros, senior. No próximo número faremos os habituais comentários a esta prova.



POUPE A SUA VISTA!
 Use só lentes de 1.ª qualidade
Binóculos. Barómetros. Bússulas de marcha, etc.

Casa especializada — Fundada em 1868

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 2829—138, Rua da Prata, 140